

Experiências da Lua Nova

Vol. 02



Novos Vínculos

Novos vínculos

A construção de vínculos como fundamento de um novo projeto de vida para jovens mães com seus filhos

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

José Alencar Gomes da Silva

MINISTRO-CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL E
PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS

Jorge Armando Felix

SECRETÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS

Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa

SECRETÁRIA ADJUNTA E RESPONSÁVEL TÉCNICA PELA SECRETARIA
NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS

Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte

COORDENADOR GERAL DE PREVENÇÃO

Aldo da Costa Azevedo

ASSESSORAS TÉCNICAS

Cíntia Tângari Wazir

Janaina Bezerra Nogueira

SECRETARIO ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA
REPÚBLICA

Paulo de Tarso Vannuchi

SUBSECRETÁRIA DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO
ADOLESCENTE

Carmem Silveira de Oliveira

PROGRAMA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL
CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Leila Regina de Souza

Experiências da Lua Nova

Vol. 02

Novos vínculos

A construção de vínculos como fundamento de um novo projeto de vida para jovens mães com seus filhos



**Secretaria Nacional
de Políticas sobre Drogas**

**Secretaria Especial
dos Direitos Humanos**



Brasília, DF
2008

VENDA PROIBIDA. Todos os direitos desta edição reservados à SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS - SENAD. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.

Direitos exclusivos para esta edição:

**Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
- SENAD**

Esplanada dos Ministérios
Bloco A - 5º andar - Sala 523
Brasília- DF CEP: 70 054-906
e-mail: prevencao@planalto.gov.br

Edição: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

ISBN: 978-85-60662-02-9
Tiragem: 3000 exemplares
Impresso no Brasil.

COORDENAÇÃO GERAL

Raquel Barros

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

**Ana Luiza Alarcon
Cristiane Oliveira
Maria Jose Siqueira
Marta Volpi
Raquel Barros
Silvina Mojana
Stella Almeida**

EDIÇÃO GERAL E REDAÇÃO

Immaculada Lopez

REVISÃO ORTOGRÁFICA

**Professor João Alvarenga
Edmar Crispim**

PROJETO E EDITORAÇÃO GRÁFICA

**Carlo Signorini
Helison Oliveira**

AGRADECIMENTOS

**Dr. Paolo Stocco
Dr^a. Nicoletta Capra
Dr^a. Patrizia Cristofalo
Dr. Efrem Milanese**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Associação Lua Nova

Novos vínculos : a construção de vínculos como fundamento de um novo projeto de vida para jovens mães com seus filhos / Associação Lua Nova. – Brasília, DF : Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2008.

60p. : il. -- (Experiências da Lua Nova, v.2)

Nota: obra elaborada em convênio com a Associação Lua Nova.

ISBN: 978-85-60662-02-9

1. Associação Lua Nova. 2. Reinserção social. 3. Mulher. 4. Uso de drogas - prevenção. 5. Maternidade.

CDU 364.442-055.2

A849n

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	06
QUEM É A LUA NOVA	09
A REDE.....	10
UMA HISTÓRIA PARA COMEÇAR.....	12
ACOLHER.....	15
CHEGADA.....	15
ESCOLHA RECÍPROCA	15
ACOLHIMENTO	16
CONFIRMANDO A ESCOLHA	21
CONSTRUIR VÍNCULOS.....	23
EU E A CASA.....	24
EU E A EQUIPE	25
EU E AS OUTRAS	31
EU E EU MESMA.....	32
EU E MEU FILHO.....	36
EU E A COMUNIDADE.....	40
EU E O TRABALHO	43
INSERIR.....	45
AMPLIANDO A REDE	45
MOVIMENTO DA INSERÇÃO.....	46
UMA NOVA HISTÓRIA.....	48
BIBLIOGRAFIA	50

06 **PREFÁCIO**

A Sistematização de metodologias adequadas e o apoio a projetos inovadores, considerados boas práticas, são ações importantes para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes e para a prevenção do uso de drogas, tratamento e reinserção de populações em situação de vulnerabilidade social.

A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD e a Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH têm investido no apoio, sistematização e disseminação de práticas inovadoras de atendimento humanizado e integrado em rede, voltados para diferentes públicos, com foco especial em crianças e adolescentes. Nesse contexto, a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova desenvolveu uma metodologia reconhecida como experiência bem sucedida e inovadora, na medida em que colabora efetivamente com a reinserção social de jovens mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade, incluindo a dependência de drogas e a violência sexual.

O trabalho desenvolvido pela Lua Nova permite que as jovens possam se inserir na comunidade e na Associação como parceiras, e não como assistidas. Aos poucos, as jovens vão percebendo que possuem potencialidades, que têm muito a ensinar, a contribuir, e não apenas a receber. O objetivo é mobilizar as jovens para que enfrentem a vida cotidiana de modo responsável, assumam as dificuldades e convivam com as contradições, sem fugir ou submeter-se passivamente.

A metodologia Lua Nova foi sistematizada pela SENAD, em 2007, a partir de uma parceria com a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova, originando a publicação “Experiências da Lua Nova”. Restava, então, disseminá-la aos municípios brasileiros.

A SENAD, a SEDH e a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova, considerando a particularidade do momento histórico, em que se comemoram os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, os 18 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, os 10 anos da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e a realização do III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, assumiram conjuntamente a disseminação da metodologia Lua Nova para alguns municípios brasileiros contemplados pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI. Essa ação está pautada no entendimento de que o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, a redução da demanda de drogas e a reinserção social de populações vulneráveis exigem esforços conjuntos do Estado e da sociedade civil organizada.

Esses esforços compõem a luta e mobilização da sociedade brasileira como instrumento fundamental para a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes em nosso país. Cuidar da infância e adolescência brasileiras é dever de todos os brasileiros e esperamos que a experiência apresentada indique possibilidades nesse caminho.

O objetivo desta sistematização não é criar um “guia”, no estilo “faça como eu faço”, mas uma fonte de inspiração para que os interessados possam conhecer e desenhar seus projetos tendo como referência um exemplo bem sucedido.

A sistematização da experiência da Associação Lua Nova é apresentada em um Kit composto de 4 livros que explicam os princípios teóricos e metodológicos do trabalho dessa Instituição e contêm os seguintes temas:

1. Lua Nova: são apresentados os princípios e caminhos essenciais da experiência Lua Nova, que pode servir de referência para outras ações de enfrentamento do uso de drogas.
2. Novos Vínculos: é enfatizada a necessidade da criação e fortalecimento de vínculos no processo de tratamento e acolhimento das jovens usuárias de drogas e seus filhos.
3. Mãos Criativas: neste volume são abordados os esforços da equipe e das jovens usuárias de drogas no desenvolvimento de habilidades e competências a fim de se profissionalizarem e gerarem renda.
4. Redes Comunitárias: neste volume, enfatiza-se a necessidade de criar redes sociais saudáveis e acolhedoras a fim de tornar duradouro o trabalho desenvolvido durante a permanência das jovens mães e seus filhos na residência Lua Nova, assim como criar um processo de desenvolvimento sustentável nas comunidades que, além de acolherem as jovens e seus filhos, descobrem seu poder de agente transformador.

Esperamos que esta publicação inspire muitos e que a rede de atenção às jovens mulheres em situação de vulnerabilidade social, do nosso país, possa ser ampliada e fortalecida.

*Subsecretaria de Promoção dos
Direitos da Criança e do Adolescente*

*Secretaria Nacional de Políticas sobre
Drogas*



QUEM É A LUA NOVA

A Associação Lua Nova atende jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social. Criada em 2000, a Lua Nova é uma iniciativa não-governamental, com sede em Sorocaba (SP). Desenvolvemos e experimentamos diferentes técnicas e práticas de inserção social das jovens, incluindo ações de geração de renda, trabalho, redução de danos e desenvolvimento comunitário.

MISSÃO

Resgatar e desenvolver a auto-estima, a cidadania, o espaço social e a auto-sustentabilidade de jovens mães vulneráveis, facilitando sua inserção como multiplicadoras de um processo de transformação de comunidades em risco.

VISÃO

Transformar-se em um centro de referência em inserção social e desenvolvimento local pelos métodos terapêuticos utilizados.

As jovens e seus filhos vêm morar na residência Lua Nova por um período médio de nove meses. Nosso objetivo é construir uma relação de parceria com elas para que possam redescobrir seus valores morais e éticos e retomar sua cidadania. Investimos na relação mãe-filho, como base de um projeto de vida mais feliz para ambos.

Desde o início, as jovens residentes e suas crianças também são estimuladas à vida em comunidade - fundamento básico ao estabelecimento de vínculos sociais. Diversas atividades oferecidas pela organização incluem a comunidade local. O princípio é interagir no binômio comunidade - jovens mães, propiciando o desenvolvimento saudável de laços sociais para fomentar valores como respeito e cidadania.

Compreendemos a situação de risco como consequência de violações de direitos, que não foram adequadamente enfrentadas. A existência de programas efetivos evita que a situação de

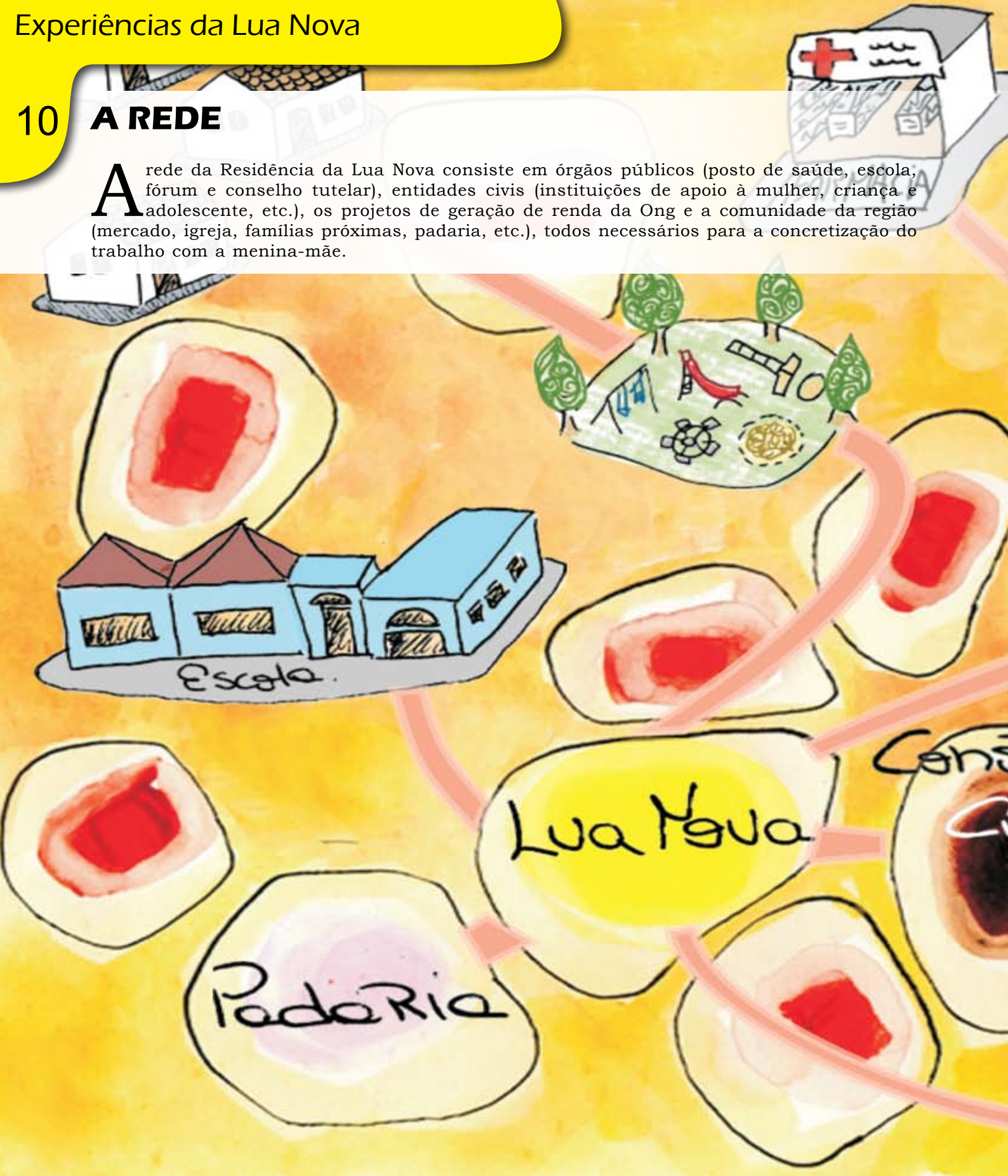
risco se prolongue e cria condições para que a adolescente não experimente uma nova gravidez nessas condições.

Em busca de um novo projeto de vida, propomos que as jovens construam novos vínculos – com seus filhos, com outras jovens, com a comunidade e com elas mesmas. Em especial, buscamos desenvolver atividades que proporcionem a vivência de experiências no intuito de possibilitar a convivência prazerosa entre mãe e filho (e vice-versa), colaborando com a superação dos conflitos e rejeições.

A elaboração da proposta político-pedagógica nos auxilia a posicionar-nos frente à sociedade, nossos parceiros e o Poder Público. Todas as ações do projeto são colaborativas, entre ONGs, comunidade, Poder Público, iniciativa privada e população atendida. Por meio de trocas e parcerias, estamos em constante revisão do nosso agir, auxiliando na criação de métodos mais eficazes e na elaboração de políticas públicas.

A REDE

A rede da Residência da Lua Nova consiste em órgãos públicos (posto de saúde, escola, fórum e conselho tutelar), entidades civis (instituições de apoio à mulher, criança e adolescente, etc.), os projetos de geração de renda da Ong e a comunidade da região (mercado, igreja, famílias próximas, padaria, etc.), todos necessários para a concretização do trabalho com a menina-mãe.





Conselho Tutelar



ESCRITÓRIO



STRUÇÕES
vil

Criando



Arte



Posto de Saúde

Uma história para começar...

Meu marido usava crack e eu experimentei com ele e com minha irmã, por carência. Eu ficava muito sozinha. Minha mãe bebia. Meu pai morreu assassinado quando eu era criança. Quando eu me casei, meu marido só usava cocaína e maconha de vez em quando. Mas, depois de uma época de crise, quando perdeu o emprego e até nos separamos, ele começou a usar crack. Depois, voltamos a morar juntos, com a minha sogra.

Um dia, eu fui à casa da minha irmã com meus quatro filhos para conversar e desabafar e, quando cheguei lá, estavam meu marido, minha irmã e o marido dela usando, e eu pedi para usar também. Experimentei e pensei que nunca seria dependente, que nunca iria fazer as loucuras que eles faziam, que se quisesse parar, eu parava. Mas me enganei.

Minha mãe foi pedir ajuda na igreja para mim e minha irmã, mas eu recusei porque pensava que podia controlar a droga, que conseguia parar sozinha. Mas, não controlei nada. Foi cada vez pior, pior.

Dois filhos meus freqüentavam a creche e eu era considerada uma boa mãe, a creche me elogiava: eles tinham as roupinhas cheirosas, eram bem alimentados. Aí eu me desesperei mais ainda porque não conseguia mais levar meus filhos para a creche. Eu tinha fraqueza, porque passava noites e noites acordada, usando crack. No início, eu só usava à noite, mas depois eu não respeitava mais meus filhos e não esperava eles dormirem.

A minha primeira perda foi material. Depois, acabei tirando meus filhos da creche. Não conseguia mais encarar as pessoas do bairro, nem minhas amigas – foi outra perda. A minha saúde também foi uma perda. Eu estava doente, não comia mais, meu corpo só aceitava o crack. Meus filhos, eu não esperei perder porque não ia suportar. Foi, então, que a Dona Isa, coordenadora da sala de ajuda a dependentes, apareceu em casa a pedido de minha mãe.

Eu estava na cama porque só tinha força para levantar quando era de tardezinha e estava abstinente. O dia inteiro eu passava deitada, na cama. Às vezes, fazia alguma coisa para os meus filhos comerem, mas não me preocupava muito porque eu morava com minha mãe e ela fazia. Eu não limpava mais a casa, não lavava a roupa, minha vida tinha acabado.

Essa moça, a Dona Isa, ficou muito triste de ver meu estado, eu estava muito magra, na cama, e ela até chorou ao me ver. Perguntou-me se eu realmente queria ajuda. Eu falei que sim, mas eu não iria para a sala de ajuda, dar depoimentos: eu queria ser internada. Eu falei que não iria conseguir abandonar meus filhos e pedi, então, para poder levar para a internação dois de meus filhos. Nesse dia, ela pediu para eu tomar um banho, levantar da cama, me animar, me pôs no carro dela e fui fazer exames. Fiquei muito feliz naquele dia, porque vi que alguém me pôs num carro e queria me ajudar. Meus filhos e minha mãe também choraram de alegria quando viram que eu aceitei me tratar.

Essa moça me falou que iria me levar para um lugar longe dali e que era para eu não usar crack uns dias antes da internação. Mas eu não aceitei. No dia que ela veio, eu falei que eu não ia, porque não queria deixar meus filhos. Ela ficou magoada, eu senti nos olhos dela e eu, também, fiquei muito triste porque pensei que ela podia pensar que eu não queria mais me tratar. Continuei usando crack, aumentei mais a dose, falava que era despedida e que aquilo iria acabar.

Eles estavam procurando um lugar de internação onde eu pudesse levar meus filhos. Mas era difícil, ela conseguia muitos lugares pagos onde só eu poderia ir. Demorou um tempo. Uma noite, minha mãe, que sempre

participava das reuniões da sala, chegou toda feliz, dizendo que Dona Isa tinha conseguido um lugar onde eu poderia levar os meus dois filhos menores. Eu fiquei feliz. A entrevista na Lua Nova ia ser na próxima segunda-feira.

Ela foi me buscar de manhã, pagou motorista, e me trouxeram para a entrevista. Minhas filhas ficaram super felizes. Cheguei aqui, fiz a entrevista meio triste. Raquel, a coordenadora do projeto, me falou que não teria vaga, naquele momento, mas que era certeza que iria ter em breve. Eu gostei, porque fiquei com medo de ficar naquele mesmo dia. A Raquel me pediu para não usar drogas naqueles dias por causa dos meus filhos. Mas, por dentro, eu não via a hora de sair daqui para chegar em casa e usar. Chegamos em casa, eu passei muito mal e precisava do crack.

Depois de 15 dias, a Dona Isa veio em casa, chamou minha mãe no portão e eu estava usando crack. Minhas filhas ficaram tão felizes. Veio para dentro e falou que dali a dois dias eu iria poder me internar. Eu estava com o prazer da droga e fiquei feliz não por mim, porque minha vontade era não usar mais, ser livre. Fiquei feliz pela alegria que eu estava dando à minha mãe e às minhas filhas. Quando vi alegria delas na cozinha comemorando, vi que eu era importante para elas.

O primeiro dia na Lua Nova foi triste e feliz. Triste por causa da droga, mas foi bom por que fazia tempo que eu não dormia à noite com meus filhos. Ver eles dormindo foi prazeroso. Dia-a-dia, fui me adaptando, tive abstinência que eu não sabia o que era. Crise de choro, de saudades dos filhos e da mãe. Hoje, eu entendo que era mais saudade da droga.

No começo, fiquei numa alegria muito grande porque eu estava conseguindo sobreviver sem a droga, eu não pensava que conseguiria agüentar. Depois, eu tive algumas crises, queria ir embora, mas eu conversava com eles e passava aquilo. Eu chorava muito, um choro incontrolável, queria parar de chorar e não conseguia. Meu marido, nessa época, continuava usando na frente dos meus filhos. Eu pensava que não podia trazer os outros filhos e nem perguntava. Mas, afinal, meus quatro filhos vieram para cá.

Para quem quer ser mãe, não tem coisa melhor do que se recuperar ao lado dos seus filhos. Sem eles, é muito difícil. Com eles perto, você vê que tem mesmo que mudar.

Eu pensava que não iria conseguir me afastar do bairro onde nasci, das pessoas que eu conhecia. E por trás tinha a droga. Pensava que eu iria me recuperar só fisicamente. Eu nunca trabalhei e pensava que não era capaz de nada na vida. Mas, hoje, eu trabalho, pago o aluguel. Trabalho na Lua Nova de costureira, eles me motivam, me dão elogios. Não cabe o crack na minha vida. Não tem lugar.

A Lua Nova arrumou internação para meu marido também. Ele está bem e nós vivemos uma vida bem diferente de antes. Ele me dá mais valor. Eu e ele temos medo de perder o que temos. O crack destrói qualquer coisa que você constrói, pode ser pequena ou grande, ele destrói.

Minha mãe veio me visitar outro dia e falou que, quando vem me ver, vai embora feliz. Que quase não acredita me vendo capaz de trabalhar, cuidando dos meus filhos e que ela ficou muito feliz. É muito bom ouvir isso de uma mãe.

(Residente da Lua Nova)



ACOLHER

Chegar a uma nova residência. Chegar, muitas vezes, trazendo experiências negativas de outras instituições ou vivendo há algum tempo na rua. Chegar contrariada, por ordem do juiz, com as dúvidas de uma primeira gravidez ou ainda trazendo o sofrimento do uso de drogas ou de outras situações de violência. Certamente, não é fácil chegar.

Inaugurada em agosto de 2000, a residência da Lua Nova fica em Sorocaba (SP), interior paulista. Distante do centro da cidade, a casa está organizada em diferentes ambientes, incluindo quartos, espaços de convivência e oficinas (faça um *tour* pela casa, na pág. 26). Ao total, tem capacidade de atender 25 jovens e 35 crianças.

CHEGADA

As jovens e seus filhos são encaminhados pelo Poder Judiciário, Conselhos Tutelares ou outras instituições. Algumas vezes, elas vêm espontaneamente por indicação de amigos ou educadores. Chegam de várias regiões de São Paulo e até mesmo de outros estados.

Para que sejam recebidas, consideramos três critérios iniciais quanto ao perfil da jovem:

- Acolhemos jovens com 13 anos ou mais, pois a proposta pressupõe a atenção a todas as jovens que são mães e estão em um contexto de risco para que exerçam a sua maternidade;
- De preferência, jovens residentes no Estado de São Paulo, pois existe uma previsão de visitas domiciliares e finais de semana na casa de parentes ou amigos;
- Jovens sem problemas psiquiátricos graves, pois o projeto não conta com educadores para as crianças e as mães têm que ter condições mínimas para cuidar dos filhos.

ESCOLHA RECÍPROCA

Na presença de um educador, de um psicólogo e de uma jovem moradora da casa, conversamos com a candidata, a criança e seus



acompanhantes. Buscamos conhecer e entender os problemas e motivos do encaminhamento. Ao mesmo tempo, buscamos que ela conheça a residência, suas regras e nossa maneira de trabalhar.

No dia da entrevista, sempre marcada com antecedência, pedimos que o acompanhante traga um relatório detalhado sobre sua trajetória. Não há um modelo para esse relatório, mas o objetivo é conhecer em qual contexto a jovem se encontrava, qual a sua história contada do ponto de vista dos adultos.

A jovem, então, volta para o local onde estava, e analisamos, em equipe, (coordenadora, psicóloga, assistente social, educadores e uma menina residente) esse relatório bem como o registro feito durante o primeiro encontro. Se avaliarmos que a proposta da Lua Nova é adequada para a jovem naquele momento de sua vida e, se ela demonstrar interesse em participar do programa, damos uma previsão de sua entrada.

É essencial que haja uma escolha recíproca. Nossa proposta é construir um trabalho transformador em parceria – algo impossível de acontecer se a jovem não decidir tentar.

Na sequência, formalizamos nossa relação com a instituição que encaminhou a jovem, propondo uma Carta de Parceria. Se a resposta da jovem for negativa, também fazemos uma comunicação por escrito, na qual descrevemos

o processo recíproco de triagem e a decisão da jovem em não participar da proposta oferecida pela instituição. Se a resposta for afirmativa, ao chegar à Lua Nova, a jovem irá viver um período experimental de acolhimento. Só depois, podemos confirmar a inserção definitiva da jovem no programa.

ACOLHIMENTO

Na data marcada, esperamos a chegada da jovem com seu(s) filho(s). Durante o primeiro mês são acompanhados atentamente por todos.

Um dos educadores da equipe é escolhido como educador(a) de referência. Junto com ele, duas jovens moradoras acompanham todo processo da nova residente.

O educador de referência prepara o quarto em que a residente ficará com seu filho e apresenta diferentes aspectos do programa:

- *Objetivos e programas:* Objetivos principais do trabalho e seus diferentes programas (o terapêutico, o educativo e o de inclusão social).

- *Equipe e funções:* O que fazem os educadores, o psicólogo e a assistente social. Quem ela deve procurar conforme a demanda.
- *Dia típico:* Descrição dos trabalhos, oficinas, reuniões, tempo livre etc.
- *Regras da Lua Nova:* Apresentação das regras da residência.

1. Atividades no Acolhimento

Faz parte do acolhimento a apresentação oficial da nova residente e seu(s) filho(s) para todas as pessoas da casa. Nesse encontro, as demais jovens recebem a nova residente. Cada uma conta um pouco de si, do que gosta de fazer, de seu jeito de ser e da sua história dentro da casa.

Na *primeira semana*, diariamente, o educador de referência conversa com a nova residente a fim de esclarecer suas dúvidas, compreender melhor sua história de vida, falar sobre suas descobertas e dificuldades, avaliar seu desenvolvimento e o cumprimento de regras, bem como fazer encaminhamentos para outros profissionais da equipe.

ACOLHER É...

- Preocupar-se em se aproximar da jovem antes de ela entrar na residência (ações de aproximação na rua, em espaços de triagem e albergues).
- Criar um “rito de passagem”, por exemplo, ir visitar a jovem antes de sua entrada, para facilitar a transferência de vínculo da instituição encaminhadora para a Lua Nova.
- Oferecer à jovem opções na rede de atendimento.
- Na residência, criar um clima de acolhida aconchegante.
- Envolver as outras jovens residentes no acolhimento para que a jovem possa ter um “par” que a ajude a entender a Lua Nova, fortaleça a sua decisão de mudança e transmita confiança no novo ambiente.

NÃO ACOLHER É...

- Desrespeitar e não ouvir a jovem.
- Tratá-la como mais um “caso” e não como “sujeito”.
- Alimentar a angústia de “se livrar” da jovem.
- Criar visão da residência como “pronto-socorro”.
- Não garantir que o Conselho Tutelar conheça o papel da residência.
- Negociar com a instituição solicitante de forma inadequada na frente da jovem.
- Ceder em pontos considerados essenciais.
- Não haver alinhamento entre todos os envolvidos sobre o que é “situação de risco” e como lidar com ela.
- Não se preparar para lidar com situações de emergência.
- Trabalhar sozinho, sem compartilhar o processo de atenção e proteção com outras pessoas e instituições.



MODELO 01 – FICHA DE CADASTRO DA JOVEM

DADOS SOBRE A JOVEM

- Nome
- Idade
- Data e local de nascimento
- Escolaridade
- Telefone
- Endereço

DADOS SOBRE O FILHO

- Nome
- Idade
- Data e local de nascimento
- Nome dos Pais

CONTATOS DA JOVEM

- Nome de amigos
- Telefone
- Nome de parentes
- Telefone
- Endereço

SOBRE ENCAMINHAMENTO

- Instituição solicitante
- Pessoa para contato
- Telefone
- Endereço
- Qual situação problema que gerou o encaminhamento para a Lua Nova?

SOBRE A HISTÓRIA DA JOVEM

- Como é a relação da jovem com seu(s) filho(s)
- História familiar (ambiente familiar, histórico de dependência química na família, atitude familiar frente ao seu comportamento)
- História pessoal (infância, adolescência, escolarização)
- História sexual (parceiros, qualidade do relacionamento)
- História ocupacional (trabalhos)
- História social (moradia, situação social, amigos, lazer)
- História médica e Psiquiátrica (doenças, internações, tratamentos ambulatoriais, toma medicação, antecedentes familiares)
- Histórico de atendimento em relação ao problema que gerou o encaminhamento
- História forense (delitos, prisão, motivos)
- Histórico do uso de drogas (usa ou não, o quê, padrão de uso)

DATA DA ENTREVISTA

ASSINATURAS:

- Educador de referência
- Psicóloga
- Assistente Social

Na *segunda semana*, uma residente da comissão de acolhimento mostra os diferentes projetos de geração de trabalho e renda, o seu objetivo e funcionamento geral.

Na *terceira semana*, uma residente da comissão de acolhimento sai com a jovem para mostrar os arredores da Lua Nova, incluindo espaços importantes da comunidade do entorno, como o posto de saúde, a creche, a igreja e espaços de lazer.

Na *quarta semana*, o educador de referência programa um passeio até a cidade, convidando também outras residentes, a fim de estreitar a relação com a nova jovem.

2. Combinar as regras

As quatro semanas do acolhimento também são o período para retomar com a jovem as regras da casa. Na realidade, ao escolher ficar na Lua Nova, a jovem já decidiu aceitar as regras apresentadas na entrevista inicial. De qualquer maneira, é importante retomá-las de forma clara. Essa comunicação facilita o trabalho do educador e de toda equipe, pois acelera o processo de adaptação da residente à Lua Nova, influenciando na sua adesão ou não.

Há uma conversa envolvendo o educador de referência e uma residente da comissão de acolhimento, a fim de criar um clima mais descontraído. Falam sobre a vida em comunidade, sobre as perspectivas futuras, o relacionamento com o filho e histórias divertidas. Além da leitura das regras, cria-se um espaço para esclarecer dúvidas e conversar sobre o que foi proposto.

É importante se certificar de que a residente compreendeu o funcionamento geral da instituição, perguntar sobre suas dúvidas e potenciais dificuldades, desfazer as fantasias,

REGRAS NA LUA NOVA

- Tratar com respeito e educação todas as pessoas: profissionais, residentes e visitantes.
- Respeitar e tentar compreender o outro.
- Participar das atividades propostas.
- Cumprir os horários estabelecidos.
- Não usar drogas.
- Não consumir bebidas alcoólicas.
- As refeições devem ser feitas com todos juntos e sentados no refeitório.

Quanto às atitudes:

- Não brigar.
- Falar baixo.
- Não falar palavrão.
- Ter sinceridade.
- Não agredir verbal ou fisicamente outra pessoa.
- Não usar ou pegar coisas de outra pessoa sem pedir emprestado.
- Não entrar no quarto das outras residentes sem pedir permissão.

Quanto à organização da casa:

- Não deixar objetos perigosos ao alcance das crianças.
- Jogar o lixo no lixo.
- Manter a casa limpa.
- Cada residente é responsável por manter limpas suas roupas e de seus filhos.
- Respeitar os horários das refeições

Rompeu as regras?

- Perde o direito de ter rádio no quarto.
- Perde o direito de telefonemas e passeios.
- Limpa a casa, lava as panelas ou limpa os vidros.
- Carrega telhas, varre a rua, cuida do jardim.



MODELO 02 - AVALIAÇÃO DA ADAPTAÇÃO DA JOVEM À LUA NOVA

NOME

DATA DE ENTRADA

- A residente compreende os objetivos do projeto Lua Nova?
- O projeto está de acordo com suas expectativas futuras? Em que sentido?
- Está adaptada às regras da Lua Nova? Explique.
- Tem alguma dificuldade? Qual? É possível superar essa dificuldade? Como?
- Quais as maiores dificuldades encontradas pela residente de um modo geral?
- Participa das atividades propostas:
 - ☐ () psicoterapia
 - ☐ () aconselhamento com educador
 - ☐ () grupos
 - ☐ () reunião da casa
 - ☐ () reunião das 21h
 - ☐ () confecção
 - ☐ () passeios
 - ☐ () outros _____
 - ☐ Comentários: (Se não participa, qual o motivo?, participa com prazer?, etc.)
- Como é o relacionamento com a equipe?
- E com as outras residentes?
- Brigou? Qual o motivo?
- Faltou algum tipo de atendimento (educador, psicólogo, assistente social, meninas, confecção etc.), nessa fase, para que as jovens se adaptassem? Qual(is)?
- Quer ficar na Lua Nova?
- Se a residente permanecer na Lua Nova se beneficiará? Em quê?
- A residente se beneficiará mais em outra instituição? Qual você sugere?

CONCLUSÃO

- () permanece
- () não permanece

ASSINATURAS:

- Educador de referência
- Psicóloga
- Assistente Social

USO DE DROGAS

O não-uso de drogas é uma regra combinada com todas as jovens residentes. Caso a jovem opte por usar, é discutido como fica a relação dela com o filho e coloca-se que ela terá que fazer opções. Ninguém faz as escolhas pelas residentes. Repetimos nosso lema de que não queremos mudar sua vida, mas cuidar dela. Geralmente, as jovens já chegam desintoxicadas e, se não, são atendidas pelo CAPs AD (Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas) ligado à própria Lua Nova. Caso haja uma recaída, todo suporte é garantido pela equipe e pelas demais jovens parceiras. O problema é conversado em grupo, que atua de maneira significativa na busca de soluções.

como o medo de perder o filho, a idéia de que vai trabalhar de graça, passar fome etc, além de pensamentos equivocados, como: “Lua Nova é um hotel de cinco estrelas”, “é um lugar onde posso ficar sem ter um projeto futuro”.

A comunicação das regras ocorre diariamente. Cada vez que a jovem é lembrada dos horários das atividades, por exemplo, buscamos consolidar os combinados.

As saídas, por exemplo, fazem parte das regras. Desde o começo, fica combinado em quais horários, para quais locais e com quem elas podem sair. É dado um crédito de confiança à jovem, e o respeito aos acordos vai sinalizando sua vinculação.

As regras são estabelecidas por grupos de jovens e podem ser alteradas periodicamente uma vez que um grupo de jovens se organize e faça novas propostas. Geralmente isto ocorre quando a discordância por alguma regra se dá no coletivo. Estas propostas são discutidas em Assembléia e são levadas como alternativas às regras anteriores para a equipe técnica. Uma comissão (composta pelas residentes, representante da equipe e direção) negocia e acorda novos regulamentos e estes passam a vigorar em modo experimental por um mês.





Após este período, se o grupo de residentes e equipe avaliam que as mudanças foram produtivas, as novas regras passam a vigorar.

3. Documentação

Durante o acolhimento, o educador de referência deve providenciar a regularização dos documentos das residentes e seus filhos, incluindo CPF, RG, carteira de trabalho, histórico escolar, carteira de vacinação, certidão de nascimento, entre outros.

CONFIRMANDO A ESCOLHA

Semanalmente, o educador de referência se reúne com a nova residente para conversar sobre sua adaptação, dificuldades, descobertas, registrando o que achar relevante para compartilhar com a equipe.

A partir desse acompanhamento, podemos confirmar se a residente permanecerá ou não na Lua Nova. Por isso, é tão importante acompanhar de perto e ajudar a jovem a entender a proposta da residência.

Ao final das quatro semanas, a comissão de acolhimento se reúne com a coordenação, e juntos avaliam a inserção da jovem no programa, observando diferentes critérios construídos no decorrer da experiência da Lua Nova. (Ver Modelo do roteiro de avaliação na pág. 19)

Um fator decisivo é a opção da própria jovem em permanecer na Lua Nova, especialmente em caso de medida judicial, pois não há muros ou vigias para obrigá-la a ficar.

CRITÉRIOS PARA PERMANÊNCIA

- Compreensão dos objetivos do projeto.
- Consonância desses objetivos com as expectativas da jovem.
- Adaptação da jovem às regras do projeto.
- Dificuldades e possibilidades de superação.
- Participação nas atividades.
- Relacionamento com equipe e residentes.



CONSTRUIR VÍNCULOS

Ao ficar na Lua Nova, a jovem é convidada a se tornar parceira do programa. É numa relação de troca e apoio mútuo com as outras residentes e com a equipe que a jovem constrói um novo projeto para sua vida com seu filho.

De um lado, mãe e criança têm assegurado na residência seu direito à moradia, alimentação, assistência médica, psicológica e educacional. Mas, de outro, a jovem tem que assumir seus deveres: cuidar do filho, de si mesma, colaborar com o trabalho doméstico, trabalhar, participar das atividades terapêuticas e pedagógicas, respeitar as regras de convivência combinadas.

O tempo médio de permanência das jovens na residência é de nove meses, quando começam a participar do projeto de inserção social.

Durante a moradia na residência, buscamos trabalhar o fortalecimento de identidade, auto-estima e autonomia, bem como valorizar as competências e o planejamento de futuro das jovens. A base do trabalho é incentivar que a jovem construa novas relações consigo mesma, com seu filho e as demais pessoas com quem convive.

Tudo isto ocorre de forma singular para cada jovem, num ritmo próprio. Ela vai tecendo diferentes relações, que interagem entre si. São relações interdependentes, muitas vezes, simultâneas, que podem ser organizadas da seguinte maneira:

- **Eu e a casa** (pág. 24).
- **Eu e a equipe** (pág. 25).
- **Eu e as outras** (pág. 31).
- **Eu e eu mesma** (pág. 32).
- **Eu e meu filho** (pág. 36).
- **Eu e a comunidade** (pág. 40).
- **Eu e o trabalho** (pág. 43).

ESTRATÉGIAS QUE FACILITAM A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS

- **Vivência cotidiana** - Diariamente, as jovens realizam tarefas “de mãe”, além de diversos trabalhos de rotina doméstica, de limpeza, cozinha e jardinagem (Ler item “Eu e a Casa”, na pág. 24). Acreditamos que a vivência cotidiana é uma oportunidade privilegiada para compreender e modificar comportamentos, bem como para desenvolver um projeto pessoal de vida.
- **Reflexões e vivências grupais** - As jovens participam de reflexões e vivências em grupo com o objetivo de adquirir instrumentos para lidar com seus problemas atuais, identificando aspectos de suas personalidades que necessitam de maior auto-regulação. O trabalho em grupo facilita a socialização e a percepção das questões internas a partir dos problemas comuns, além de possibilitar maior agilidade no processo pedagógico. (Ler item “Eu e a Equipe”, pág. 25 e “Eu e as outras”, pág. 31).
- **Interação com a comunidade** - Sentir-se “pertencer”, “ter um lugar”, “fazer parte” de uma comunidade é um ponto essencial no processo de construção de novos vínculos. Para a Lua Nova, a comunidade é uma parceira imprescindível para a inserção social da jovem e seu filho. A inserção social é trabalhada desde o primeiro momento que a jovem chega à residência (Ler item “Eu e a Comunidade”, pág. 40). A valorização da comunidade e do bairro tem, também, permitido a discussão sobre os preconceitos existentes em relação às jovens. Superar o preconceito é um trabalho lento e, muitas vezes, só é conquistado na convivência cotidiana. (O Volume 04 desta coleção é dedicado inteiramente ao trabalho da Lua Nova com a comunidade.)
- **Construção de Projeto de Vida** - Discutir, planejar e começar a concretizar um projeto de vida com seu filho é uma ferramenta essencial do percurso da jovem na residência. O processo se inicia na primeira conversa de acolhida da jovem e é assunto norteador do trabalho terapêutico e educativo. (Ler item “Eu e eu mesma”, pág. 32).

EU E A CASA

A relação com a casa – meu lugar de comer, dormir, descansar, conviver com meus filhos – estabelece-se a partir de uma rotina que ajuda a organizar o tempo e as responsabilidades. O cumprimento da rotina, com o apoio do educador, tem um papel pedagógico importante quanto ao conhecer e respeitar regras.

1. Desafio da higiene

Há uma dificuldade em conseguir que as jovens mantenham a casa, a cozinha e os quartos limpos, bem como não descuidem da sua higiene pessoal e de seus filhos.

Temos tentado algumas estratégias para conseguir melhores resultados, como convidar especialistas para falarem da importância da higiene para o bem-estar e a saúde de todos, criar regras e horários para esses cuidados.

Também tem ajudado alternativas mais lúdicas como o Projeto “A Lua no Brilho”, quando organizamos mutirões de limpeza da casa.

2. Comer bem

Criar uma rotina de alimentação equilibrada e saudável também tem exigido um esforço e criatividade redobrada da equipe da Lua Nova. Nesse sentido, elaboramos o Projeto “O Gosto da Lua”.

As residentes fazem um curso de culinária e, na sequência, são abertas inscrições para um concurso de pratos salgados e doces, experimentados e votados pelas próprias jovens. Na hora da votação, contam a criatividade no aproveitamento de alimentos; a limpeza da cozinha; beleza e cuidados à mesa, bem como a participação das outras residentes. O prêmio pode ser, por exemplo, um jantar em uma churrascaria com direito a levar o filho e mais um acompanhante.

3. Morar bem

Ter um lugar bonito e gostoso de morar faz diferença na rotina das jovens. Também é importante garantir que cada jovem possa deixar a sua marca, sentindo que tem um cantinho com a “cara dela”.

RELATO DE UM DIA TÍPICO

“Acordar às seis horas, fazer minha higiene e de meu filho e tomar café até as sete horas. Às vezes, vou fumar um cigarro na varanda. Vou, então, limpar e arrumar o meu quarto e uma parte da casa, dividida entre todas. Depois, vou levar meu filho para creche. Outras crianças vão para a Casa das Crianças, que é um espaço dentro da comunidade para aquelas crianças que ainda não conseguiram vaga na creche ou que estão meio período na pré-escola.

Às oito horas, saio para o trabalho que pode ser dentro da Lua Nova com os biscoitos, em Araçoiaba da Serra, com a produção das bonecas, na construção civil perto da creche ou nos bairros de Márcia Mendes, Sabiá e Nova Esperança, em Sorocaba. Algumas almoçam no trabalho, eu volto para a Lua Nova.

O almoço, na casa, é servido ao meio-dia. Depois, mais um cigarrinho na varanda. Quem não volta para trabalhar, cuida da organização da dispensa, ajuda a arrumar a cozinha e a fazer o lanche da tarde. Eu volto mais ou menos às cinco horas, com meu filho.

Na parte da manhã e da tarde, quem fica em casa tem aconselhamento com o educador de referência. Tomamos lanche e vamos completar a limpeza e arrumação. Tomo banho, dou banho no meu filho e ainda ficamos juntos, brincando até a hora do jantar. Antes do banho, tem uma atividade com o coordenador e um educador.

Às sete horas, jantamos todo mundo junto e depois fazemos uma reunião entre todas nós, as residentes. Depois, temos tempo livre. Às vezes, vemos televisão, outras vezes, ficamos ouvindo música, dançando, cantando, conversando. Dez horas da noite é hora de dormir”.

(Residente da Lua Nova)

Nesse sentido, foi criado o Projeto “Minha Casa, Minha Lua”, com a colaboração voluntária de um artista, um arquiteto e um coordenador do projeto que faz a gestão das questões relacionadas à estética e à necessidade de viver em ambiente agradável. A equipe e as jovens reformaram e personalizaram os quartos e os espaços comunitários da Lua Nova, como a cozinha e o refeitório.

Para começar, foi feito um planejamento das etapas do trabalho com a participação da equipe, das jovens e gestores de outras áreas da Lua Nova, quando necessário. Definiu-se uma fase de desenho, orçamento, busca de doações, execução do projeto, finalização, registro e acabamento.

No final, foram premiados os três melhores trabalhos seguindo os quesitos: melhor trabalho, maior dedicação, resultado final (praticidade e beleza) e durabilidade. O primeiro prêmio foi o pagamento do aluguel na fase de reinserção por quatro meses. A segunda colocada ganhou dois colchões para a fase de reinserção, e a terceira, toalhas de banho e de mesa.

4. Manutenção

Percebemos ser útil fazer, regularmente, um inventário de todos bens móveis e imóveis do projeto. Além de ajudar na organização do espaço, esse levantamento indica o que está faltando, o que pode ser otimizado e até mesmo doado para terceiros.

Por outro lado, continuamente, precisamos cultivar o cuidado e a preservação dos móveis e equipamentos – especialmente os de uso comum, como a televisão, o som e o sofá.

5. Compras

Também temos um setor responsável pelo planejamento, orçamento e execução de todas as compras da Lua Nova, tanto de alimentos, quanto de produtos de limpeza, equipamentos ou móveis. Tentamos fazer um levantamento do que se precisa, qual é o custo, e nada é comprado sem a solicitação antecipada de verba. O mais importante é todos entenderem

IMPORTÂNCIA DO REGISTRO

Diariamente, no final do seu turno, o educador de referência registra o histórico do dia de cada uma das jovens que acompanha:

Cumpriu a rotina diária?

Quais tarefas não foram cumpridas?

Quais as dificuldades identificadas?

Quais os avanços identificados?

Como foi o relacionamento com o educador?

E com as demais residentes?

E com o(s) filho(s)?

Observações

O registro é feito num “caderninho” – cada jovem tem o seu. Além de subsidiar o trabalho da equipe como um todo, ele serve como “ponte” para o educador que está assumindo o trabalho no turno seguinte (ao total, são três turnos de equipe). Há também um “caderno geral”, no qual são anotadas as principais ocorrências do turno, bem como recados e encaminhamentos.

que precisamos de um planejamento financeiro – tanto na vida pessoal quanto institucional. Não adianta querer comprar tudo, pois sempre dependemos de verba. O melhor é planejar e não desperdiçar.

EU E A EQUIPE

Construir um vínculo com educadores, os técnicos e os demais profissionais da Lua Nova é a base para todo trabalho pedagógico-terapêutico desenvolvido junto com a jovem. Ao experimentar uma relação de confiança, respeito e apoio mútuo com a equipe, a jovem poderá conquistar uma nova postura diante de si, dos outros e do mundo. Esse vínculo se constrói num processo, que – apesar de ter fases comuns – evolui de forma única em cada história.

26 MAPA DA CASA



Sala de Informática



Projeto Padaria



Horta



Casa das Crianças



Parque de recreação





Sala dos Educadores



Área de Serviço



Cozinha / Refeitório



Sala de Tv

1. Primeiro contato

O relacionamento com a equipe começa na primeira entrevista (pág. 15), sempre marcada pelo medo do novo e uma grande desconfiança. A equipe busca sempre entender como a parceria pode ser estabelecida, buscando conhecer não somente a história de vida da jovem, como também seus potenciais e habilidades. Essa busca causa estranheza à jovem; mas, ao mesmo tempo, cria interesse e curiosidade. É estimulante ser vista pelo seu lado positivo. O relacionamento vai assim se construindo com base na curiosidade e na vontade - mesmo que não explícita - de mudança.

Muitas vezes, os educadores e técnicos são entendidos como os “salvadores da pátria”, que vão resolver os problemas de falta de moradia, de perda do filho (pois uma vez em situação de risco, as mães podem perder seus filhos e estes podem ir para abrigos para adoção). Eles não são vistos como pessoas com as quais as residentes podem se relacionar, mas são misturados com a instituição e a expectativa de resolução imediata de seus problemas.

2. Conhecendo e testando

As primeiras semanas são tensas. A jovem está reconhecendo seus espaços e possibilidades. A comparação com o contexto de onde veio ainda é grande, então passa a pensar nos antigos colegas, educadores e pessoas da rua como os grandes amigos. Essa é uma reação normal, pois, no momento em que começam a vivenciar a Lua Nova, têm medo de perder a identidade anterior. Assim, testam infinitamente o limite da nova equipe, deixando de cumprir regras simples, fazendo comparações com as pessoas com quem se relacionavam e desafiando, mesmo que indiretamente, o educador e seu papel.

Nesse momento, o educador precisa assumir duas funções simultâneas: acolher e ao mesmo tempo ser firme nas decisões. Ele mostra que para estar com a jovem não precisa ser igual aos outros ou ao que ela idealiza. Deve ser ele próprio e agir como sempre agiu, pois conhece seu papel e sua importância na vida de cada uma delas.

São comuns longas discussões, geralmente sobre a vontade de ir embora, de não querer ficar, tentando assim desvalorizar a pessoa que está acolhendo e, ao mesmo tempo, pedindo silenciosamente que a equipe não aceite essa decisão.

3. Limites e acordos

Apesar dos desejos das jovens, a equipe vai explicitando os limites da instituição - até onde se pode ir. A jovem, mesmo oferecendo resistência, vai se inserindo nesse novo modo de viver e de estar com os outros e com seu filho. Os limites concretos e os acordos vão sendo estabelecidos e discutidos com elas, o que ajuda na reflexão e numa melhor aceitação.

Nesse momento, ela já consegue ver a equipe composta de pessoas capazes de gerar vínculos e, principalmente, de trocar. As primeiras “confidências” e histórias sobre sua vida acontecem nessa fase. A equipe começa a sonhar junto com a jovem e seu filho. Nesse momento, estabelece-se uma relação mais profunda entre educador e jovem e, em sinergia, passam a descobrir e a buscar os objetivos para aquela jovem.



4. Linha do tempo

A linha do tempo (pág. 32) é um instrumento muito importante nesse momento. A equipe compartilha com a jovem o que conhece de sua história e pede para ela, aos poucos, contar o que foi bom e o que não foi. Juntos, ouvem e conversam sobre o que foi vivido. As relações vão se fortalecendo. Nas reuniões, percebemos os educadores de referência ajudando outros menos próximos a compreender as ações e motivações da jovem. Começa uma cumplicidade.

5. Talentos e potenciais

Ao compartilhar a história já vivida e a perspectiva de uma nova história, muitas idéias e sonhos vão surgindo. A equipe acompanha a jovem nas suas “viagens”. Estimula, busca concretizar e trazer para a realidade sem fazer perder a vontade de sonhar. Então, a jovem e a equipe estão cúmplices em função de uma idéia e de uma transformação. A troca inicia-se aqui. Muito do que a equipe almeja para o trabalho com a jovem – e vice-versa – é colocado nesse momento. Ele dá significado à relação, cada um percebe o quanto vale a pena continuar.

6. Transgredir os limites

Com medo de não conseguir atingir seus sonhos e objetivos, com a sensação de que irá frustrar a equipe e mais uma vez irá se sentir fracassada, a jovem inicia um processo de transgressão e boicote de suas capacidades. É uma fase de grandes transgressões em relação aos horários, às regras e combinados.

Necessário, mas delicado, este momento exige que o vínculo tenha sido estabelecido de forma verdadeira e espontânea. Somente assim, conseguimos retomar e reestruturar as funções e motivações da jovem para continuar. É nessa hora que o educador deve acreditar nos potenciais despertados na jovem e nele próprio para que a relação não se acabe.



7. Cumplicidade no projeto de vida

Superada a crise, começam a concretização e a estruturação das reais perspectivas de vida futura – é a construção do projeto de vida (pág. 32). Até então, a jovem já experimentou diferentes propostas de trabalho, internas e externas à Lua Nova, já verificou suas relações com a comunidade e passa, então, a desenhar com a equipe seu processo de saída. É um momento de muita proximidade entre a jovem e a equipe. Se surge a idéia de um curso de artes, por exemplo, a jovem vai às possíveis escolas com o educador e, durante o caminho, discutem, imaginam e refletem sobre a proposta e suas implicações.

No momento de traçar novas possibilidades, a jovem solicita sempre a presença e o apoio da equipe. Continuamente, o desenho do projeto de vida é organizado e redimensionado. A articulação e a relação entre equipe e jovem o tornam cada vez mais concreto e mais factível.

8. Compartilhando as dificuldades

Ao experimentar as primeiras propostas para seu projeto de vida, as jovens e a equipe começam a perceber as dificuldades, limitações e barreiras que deverão ser transpostas. A espontaneidade e a transparência são fundamentais. Muitas

COMPORTAMENTO PROFISSIONAL

- Receber a jovem como qualquer outro cidadão que necessita de atenção, evitando preconceitos ideológicos, religiosos, morais e estigmatização.
- Zelar pelo respeito à individualidade de cada jovem, na sua globalidade. O objetivo não é adequar as pessoas ao atendimento, mas adequá-lo e personalizá-lo às exigências de cada um.
- Desenvolver uma reflexão metodológica para evitar a dogmatização do modelo escolhido.
- Focalizar a complexidade existencial da jovem, durante as diferentes fases de desenvolvimento da relação.
- Considerar as interconexões da jovem nas esferas bio-psico-social e colocar a “relação interpessoal” como base de cada intervenção, seja educativa, e/ou psicológica.
- Saber reconhecer quando um outro serviço ou profissional é mais adequado para atender a demanda da jovem e realizar o encaminhamento.
- Reconhecer o direito de formular um consenso com a jovem. Trabalhar para uma consciente adesão da jovem ao programa.
- Fornecer à jovem todas as informações, os instrumentos e as intervenções eficazes para reduzir os danos a sua saúde e à de seus filhos.
- Ser consciente e saber gerir construtivamente as próprias reações e comportamentos emocionais, utilizando uma conduta coerente com a função que se ocupa, empenhando-se na sua formação específica e no permanente aperfeiçoamento.
- Manter cada informação sobre a jovem de modo reservado, no respeito à lei e à ética profissional, trabalhando de modo a não gerar nenhuma discriminação preconceituosa como efeito do programa.

vezes, a jovem percebe que não vai ser fácil e que necessita de “uma força” da equipe, porém uma “força” honesta. Não adianta insistir no que se revela impossível. Isso deve ser dito, deve ser sentido, deve ser comunicado. Aceitar as dificuldades e limitações é um grande passo para que o projeto se concretize.

9. Pontos críticos

Diante das dificuldades, a jovem tende a se recolher e desistir. Mas é importante insistir na conversa e reflexão conjuntas. A idéia é persistir no sonho, mas desenhar outras formas de concretizá-lo. E isso requer flexibilidade e habilidade. Aos poucos, jovens e equipe vão chegando a novas conclusões e propostas, reiniciando a tentativa de adequar o sonho à vontade de transformar em realidade.

10. Rumo à autonomia

A hora da saída é um momento crucial. Torna-se necessário ter paciência e pró-atividade. Muitas vezes, nesse momento, a jovem tenta mostrar de todos os modos que não está pronta, volta a ter comportamentos como no início do processo, transgride, tenta comprovar que ainda depende da equipe e que não vai conseguir sem ela.

Na equipe, por sua vez, o primeiro sentimento que aparece é o de proteção, além de raiva e uma sensação de ter falhado. Mas, cada vez que a jovem insiste na sua incapacidade, tentamos manter a proposta e o projeto desenhado, valorizando, assim, os momentos de reflexão, de tentativa e de reorganização.

Essa postura requer a consciência de que o espaço Lua Nova não é para sempre, como também de que não somos onipotentes. Para transformar, dependemos do querer do outro, do nosso querer, mas também das condições sociais, econômicas, emocionais presentes no histórico da jovem e da equipe, e do novo contexto em que ela vai se inserir com seu filho. É um processo de busca de autonomia conjunta: ela deve ir e a equipe deve deixar que ela vá. A separação gera dor, mas a dor gera crescimento e amadurecimento.

EU E AS OUTRAS

A relação de parceria é incentivada não só em relação à equipe, mas em relação às outras jovens residentes. Elas compartilham entre si espaços, rotinas, regras, dificuldades, experiências e projetos. Construir esse convívio é um desafio concreto.

Além das relações de amizade, busca-se criar um senso de grupo. Nesse sentido, a gestão participativa tem se revelado uma estratégia essencial para favorecer um espaço coletivo de negociação, tomada de decisões e elaboração de projetos comuns.

1. Assembléia

Ocorre semanalmente, com a participação de todas as jovens e a equipe presente na casa. Nela, são discutidos todos os problemas da casa e as relações entre as residentes. Mas não é um espaço de queixas e, sim, de propostas. As próprias jovens devem dar soluções ou sugestões de encaminhamento para os assuntos abordados.

2. Eleição

As meninas se candidatam às funções de responsabilidades dentro da casa, como cozinhar, controlar a dispensa, cuidar do jardim,



da lavanderia, ir ao banco etc. A eleição é feita após as candidaturas. Assim que empossadas, as jovens eleitas assumem a gestão por um mês.

3. Mural de comunicação

No saguão de entrada da casa, há um grande mural, no qual são divulgadas notícias, escalas de tarefas, regras da casa. Todo mundo participa, tanto as jovens, quanto a equipe.

4. Vivência das regras

As normas e regras da casa são consideradas o diferencial entre a vida que as jovens estão construindo e o mundo que deixaram. Cada uma das questões propostas para o desenvolvimento das jovens traz em si regras próprias: como estabelecer vínculos, como viver em grupo, como participar da vida em comunidade e como lidar com o filho.

Entretanto, não basta o conhecimento da regra para que sejam criadas soluções concretas para os problemas enfrentados. É necessário estabelecer procedimentos que ajudem a interiorizar as regras e tragam resultados. Resultados que, ao serem revistos e refletidos pelas próprias jovens, sustentem as mudanças desejadas e promovam uma atitude autônoma diante da vida.



Buscamos, portanto, estabelecer regras claras e viáveis. Apesar disso, elas motivam constante negociação com as próprias jovens. Estabelecê-las exige critério e capacidade de equilibrá-las com as possibilidades concretas das jovens se adaptarem.

Negociar as regras significa garantir que elas sejam adotadas pelo grupo. Cada um se torna responsável por sua execução, sem que o educador deixe de assumir sua responsabilidade em cobrá-las em prática. Mas, para que possa fazê-lo com clareza, ele deve participar do processo de elaboração das regras e compreender sua motivação.

Na experiência da Lua Nova, o trabalho com as regras claras também ajuda a diluir as principais fantasias e medos trazidos pelas jovens, quando chegam à associação. Ter clareza sobre o funcionamento da casa, por exemplo, permite desmontar o recorrente medo de perder o filho, trabalhar de graça, passar fome, entre outros.

Ao mesmo tempo, a discussão dos limites desencadeia conteúdos fundamentais, como a vivência anterior em outras instituições, a proposta de relação com o filho, a auto-responsabilização, a compreensão do papel de cada um, o caminho para a conquista da independência e autonomia.

EU E EU MESMA

A maneira de olhar para sua história, entender quem é, perceber seus talentos e possibilidades de futuro vai se transformando dentro de cada jovem. Assim, a relação dela com ela mesma também se reconstrói. No dia-a-dia, criamos momentos específicos para facilitar essa percepção e reflexão.

1. Linha do tempo

Em encontros individuais com o terapeuta, com a participação do educador de referência, a jovem elabora sua história de vida, traçando uma linha do tempo com marcos positivos e negativos da sua trajetória pessoal.



O ponto de partida é um convite para a jovem escolher os principais acontecimentos da sua vida e desenhar uma cronologia. Na parte de cima da linha, ela coloca os marcos positivos, e na parte de baixo, os negativos. Em alguns momentos, ela pára, fica indecisa e faz as mudanças necessárias. Em seguida, conta sua história, explica porque considera algumas situações positivas e outras negativas, fala também da maneira como ela vê sua linha e como foi desenvolvê-la.

É uma linguagem simbólica: com a linha do tempo, ela faz um desenho da sua vida, que pode continuar e vai depender de como ela quer ser daqui para frente. É um instrumento de vinculação, que permite a criação de uma cumplicidade. Por meio desta técnica, a jovem percebe que houve acontecimentos bons em sua vida, que sua história não é apenas uma tragédia.

2. Projeto de vida

Pensar sobre o futuro, sobre a vida que deseja para si e seu filho, sonhar com mudanças e tentar caminhos. O projeto de vida de cada jovem é iniciado no momento em que ingressa na Lua Nova. Desde a etapa de acolhimento, tentamos observar seus objetivos, motivações e

potencialidades. Com o apoio da equipe, ela deve ser estimulada a planejar e viabilizar seu projeto de futuro com seu filho.

Para qualquer um de nós, assim como para as jovens que vivem em situação de acolhimento, um projeto de vida só pode ser efetivado se conseguimos identificar as capacidades de cada indivíduo, valorizando não somente seus sonhos, mas também suas capacidades, transformando-os em talentos.

A Lua Nova acredita na existência de talentos em toda pessoa, por isso, estrutura seu projeto na parceria com suas residentes a fim de auxiliá-las para a (re) descoberta de seus valores de moral, ética e cidadania.

O desafio é intenso. Como desenvolver o protagonismo, a autonomia e a consciência de deveres e direitos? Como promover a visão de processo e não a de produto? Como estimular reflexões sobre: qual foi sua história? Qual a sua percepção do presente? Quais as perspectivas para o futuro? Como facilitar um planejamento conjunto valorizando talentos? Como criar espaços para as residentes mostrarem habilidades e desejos? Como respeitar as escolhas, trabalhar com a realidade e a concretização dos sonhos?

3. Etapas

O processo de construção do projeto de vida costuma caminhar por três diferentes etapas:

- Descoberta de potenciais: durante o período de adaptação, verificar suas potencialidades e observar sua rotina de lazer. Dessa observação, programar, no mínimo, um passeio mensal. Em paralelo, a assistente social, psicólogo e educador de referência buscam planejar com ela suas atividades dentro da Lua Nova, incluindo as responsabilidades a serem assumidas. Se possível, também resgatar o vínculo familiar.
- Relação com a comunidade: o trabalho voluntário na comunidade deve ser planejado com o incentivo da assistente social, psicólogo e educador de referência. Iniciar um trabalho de planejamento de custos para a reinserção social. Se há vínculo familiar, fortalecê-lo.
- Renda e trabalho: efetivar a reinserção social,

EM BUSCA DO PROJETO DE VIDA

Conteúdos essenciais:

- Conhecer a trajetória de vida, ressaltando os marcos negativos, mas também os positivos.
- Despertar a percepção do presente, respeitando suas escolhas.
- Pensar no futuro. Novas perspectivas. Identificar desejos, aptidões, necessidades e possibilidades.
- Valorizar talentos: criar espaços para mostrar suas habilidades e desejos.
- Desenvolver protagonismo e autonomia.
- Gerar consciência sobre direitos e obrigações.

Estratégias importantes:

- Construir um planejamento conjunto.
- Ter uma visão de processo e não de produto.
- Saber trabalhar com o tempo e com metas visando à concretização do projeto.
- Comemorar pequenas vitórias.
- Trabalhar a cultura de valores da equipe.
- Não institucionalizar espaços de fala (pode ser uma conversa durante o almoço).
- Promover gestão participativa com a jovem: exercer autonomia já no presente, na casa que está, no cotidiano, coletivamente.
- Promover reinserção social por meio de geração de renda, rede de serviços na comunidade, capacitações, participações em outros projetos, atividades culturais e de lazer.

auxiliar na busca de emprego e moradia, considerando que o local, o bairro escolhido deve ter uma rede de recursos (posto de saúde, escola, creche e trabalho) que possibilitem qualidade de vida.

4. Articulação e acompanhamento

Para a concretização do projeto de vida é muito valiosa a conquista de parceiros (pessoas, instituições, empresas...) que colaborem com o processo de reinserção da dupla mãe/filho (podem investir na capacitação educacional e profissional, promover oportunidades de trabalho etc).

MODELO 03 - LEVANTAMENTO INICIAL PARA PROJETO DE VIDA

1) **VERIFICAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO PESSOAL** (indicar R-regularizado ou NR-não regularizado):

SOBRE A JOVEM

- () Certidão de Nascimento
- () RG
- () CPF
- () INSS
- () Título de Eleitor
- () Carteira de Trabalho
- () Certidão de Casamento
- () Documentos Escolares

SOBRE O FILHO

- () Certidão de Nascimento
- () Carteira de Vacinação

2) **QUAL A AVALIAÇÃO DA SUA SITUAÇÃO ATUAL, NESTE 1º MÊS?** Considerar contexto interno (relacionamento com a equipe, com as outras residentes, respeito às regras, participação nas atividades etc) e externo (como ela se relaciona com posto de saúde, escola etc).

3) **APROFUNDAMENTO DOS ASPECTOS DA HISTÓRIA DE VIDA CONSIDERADOS SIGNIFICATIVOS.**

a] História institucional (orfanatos, clínicas etc)

b] Situação econômica

- Possui alguma renda?
- Pode contar com apoio financeiro familiar ou externo?
- Forma de sustento até chegar à instituição

c] Situação habitacional

- Onde viveu? Breve histórico nascimento/hoje
- Possui residência fixa?
- Com quem reside?
- Casa própria, alugada, cedida ou ocupada?

d] Situação legal e jurídica

- Fórum
- Número do processo
- Situação jurídica da criança

e] Situação de Saúde

- Portadora de doença congênita ou que necessite de atendimento especializado e contínuo? (mãe e filho)
- Deve seguir alguma dieta alimentar especial?
- Necessita medicamentos especiais?

f] Situação Educacional mãe/filho

- Escolaridade regularizada?
- O que necessita de desenvolvimento para garantia de uma boa reinserção?
- Possibilidades de escolas e/ou creches no local onde pretendem morar
- Projetos sócio-educativos
- Capacitação
- Cursos realizados (formais e informais)
- Áreas e cursos de interesse
- Aptidões
- Possibilidades concretas

g] Situação Profissional

- Experiência profissional prévia
- Interesses e aptidões (levantamento através de material visual e informativo)
- Planejamento do percurso de capacitação

h] Relações afetivas e sociais

- Possui amigos? Onde? Tem contato?
- Tem contato com a família? Tem algum membro de maior confiança?
- História do relacionamento conjugal. Telefone e endereço de contato
- Filho

i] Lazer, crenças e valores.

- O que gosta de fazer?
- Como era o seu divertimento antes?
- Despertar interesses em novas possibilidades de lazer para mãe e filho

j] Situação psicológica

- Como se sente emocionalmente (considerar: medos, inseguranças, dificuldades, pontos de fragilidade, negações, qualidades, aspirações etc)

k] Situação familiar

- Contato com a família: quando, com quem, frequência e qualidade.
- Visita domiciliar: quando, quem estava presente, frequência e parecer técnico.

Também percebemos ser necessária uma avaliação periódica do desenvolvimento do projeto de vida e do percurso terapêutico. Realizamos encontros mensais com os educadores, nos quais são considerados os seguintes pontos: escolarização, profissionalização, lazer, gestão do próprio dinheiro, relação mãe – filho, relação com a família.

5. Projeto Maternidade

Percebemos ser valiosa a garantia de um espaço para falar sobre a maternidade, dividir inquietações sobre o filho, questionar e compartilhar dúvidas sobre cuidados e afetividade. Organizamos, assim, as reuniões do Projeto Maternidade. Com a participação dos educadores, psicólogos e assistentes sociais, as jovens são incentivadas a discutir, repensar e refletir sobre suas posturas, receios e desejos, a fim de favorecer o estabelecimento de comportamentos saudáveis entre mães e filhos.

São realizadas dinâmicas de grupo e discussões orientadas. Ao final de cada tema, as jovens são convidadas a fazer uma produção concreta sobre o que foi conversado, envolvendo jogos, brincadeiras, histórias, músicas, atividades artísticas, culinárias, artesanais ou de educação ambiental. O objetivo é estabelecer um comportamento diferenciado, mesmo que de forma lúdica ou verbal. Tudo acontece em um ambiente previamente organizado para o mundo da fantasia e da imaginação, estruturado a partir do princípio da busca da interação entre mães e filhos.

As reflexões e vivências abordam quatro eixos temáticos principais: maternidade, cidadania, sexualidade e drogas. Em cada eixo, por sua vez, são trabalhados quatro temas estruturantes: respeito, regras, responsabilidade, direitos e deveres.

6. Registro em vídeo

As jovens experimentam a sensação de estar diante das câmeras e, depois, de se assistir e ser assistida. Já organizamos oficinas com uma profissional da área que ensinou as jovens



a fazerem entrevistas, debates e telenovelas, possibilitando a incorporação de conhecimentos técnicos específicos.

No dia-a-dia, o vídeo é utilizado para registrar eventos especiais, momentos de conflito, depoimentos curtos, cenas do dia-a-dia. A filmadora fica disponível para quem quiser, a jovem grava e, logo, todos assistem e comentam juntos.

EU E MEU FILHO

A maternidade tem papel central na construção do projeto do presente e futuro de cada jovem parceira. O vínculo com a criança torna-se estratégia valiosa para nova percepção de si mesma, do seu lugar no mundo e perspectiva de vida.

Mais uma vez, o vínculo da jovem com a criança não é imediato, nem segue um padrão. Além do mais, não é homogêneo ou contínuo. É uma relação que se transforma.

1. Viver juntos

O ponto de partida é acolher juntos a jovem e seus filhos. Podemos dizer que, no dia-a-dia da casa, há um modelo familiar. As mães, juntamente com os educadores, dedicam-se a cuidar dos filhos e da rotina doméstica.

A relação mãe-filho marca a rotina e as regras da residência. É no dia-a-dia que mãe e filho se vinculam. Cabe à jovem, alimentar, brincar, dar banho, cuidar da roupa, colocar para dormir, levar para a creche – sempre com o incentivo e apoio da equipe.

Dinâmicas de grupo são utilizadas para a compreensão e a mudança de comportamento individual ou para o desenvolvimento de um projeto pessoal de vida.

2. Ritmo próprio

A construção desse vínculo só acontece em harmonia com a disponibilidade interna de cada mãe. Muitas jovens aprenderam na vida a se defender das relações, pois nunca puderam contar com elas. Para que as meninas se aproximem dos filhos, algumas vezes, é preciso que um dos educadores fique muito perto delas. Quando chegam, precisam confiar, sentir a presença permanente do educador para depois poder acreditar em si e na sua relação com o filho.

Compreender as dificuldades não como falta de desejo de vínculo, mas sim como impossibilidade interna, é a principal tarefa de quem se propõe a ajudar na construção cotidiana dessa relação. Para encontrar o melhor caminho, temos que observar e respeitar o tempo da jovem e estarmos sempre dispostos a rever as propostas feitas.

3. Início frágil

A história da jovem – quase sempre marcada por abandono familiar precoce, abuso e negligência e uma rede social degradada – interfere no início do contato com seu filho. Percebe-se que a jovem tenta evitar ou limitar a relação com ele. Nesse momento, o filho ainda significa perda ou falta de algo, como os sonhos

A EXPERIÊNCIA DO PROJETO AURORA

A abordagem da Lua Nova em relação às jovens mães e seus filhos inspirou-se no Projeto Aurora, idealizado e coordenado pelo Dr. Paolo Stocco e Dra. Nicoletta Capra, em Veneza (Itália). Seu trabalho se baseia nas seguintes hipóteses:

- A estrutura residencial pode oferecer um suporte com ritmos, tempos e espaços possibilitando uma realidade estável seja para o adulto, seja para a criança.
- A atuação multifocal centrada na recuperação da função materna constitui, para estes sujeitos, um instrumento reabilitador e terapêutico, complementar a uma intervenção mais precisamente focalizada na questão da dependência de drogas, prostituição, abuso etc.
- Respeitar e favorecer o crescimento destas crianças evitando que estas se transformem em instrumentos de cura para as mães.

A partir dessa experiência, decidimos desenvolver uma proposta de atenção da mãe com seu filho seguindo os seguintes objetivos:

- Integrar a atividade terapêutica de rotina com momentos específicos de atenção à maternidade.
- Observar a integração da dupla mãe e filho e avaliar as problemáticas emotivas e afetivas da criança.
- Ajudar as mães no sentido de promover uma maior consciência com relação à própria função materna, ajudando a superar os fantasmas ou sentimentos de inadequação e de incapacidade.

da adolescência, o ritmo de vida que tinha antes dele nascer etc. O contato com a criança é superficial e prevalece a sensação de que sem ela a sua vida seria melhor. A relação entre mãe e criança é de extrema incerteza e fragilidade.

As crianças, por sua vez, mostram-se muito autônomas, frias e distanciadas nos episódios de separação da mãe. Logo, demonstram capacidade de adaptação ao ambiente.

No decorrer dos meses, entretanto, o comportamento e o estado emotivo das crianças vai mudando. Começam a manifestar emoções muito fortes com relação a eventos aparentemente banais, como se jogar ao chão ou atirar a comida fora, se a mãe não está na hora do almoço.

4. Concretude e afeto

A maior parte das jovens chega à Lua Nova por medo de que o filho seja dado a outros e, freqüentemente, muitas resistem ao projeto terapêutico inicial. Essa resistência incide nas primeiras relações entre mãe e filho. É comum que as jovens não confiem nos técnicos e encubram suas dificuldades por medo de serem consideradas despreparadas e, assim, perderem o filho.

A dificuldade das mães em relação aos seus filhos se revela inicialmente pela incapacidade de decodificar, mentalizar e verbalizar o que elas estão sentindo. Muitas vezes, durante o almoço ou o jantar, percebemos que se sentem inadequadas, incapazes de se sentirem como mães que nutrem. Deixam para a equipe a preparação dos alimentos. Não conseguem simplesmente parar e brincar com as crianças.

Mas, na medida em que vão se sentindo mais acolhidas e quebrando a resistência ao apoio, passam a vivenciar o vínculo de forma concreta: alimentam bem o filho, aprendem a cozinhar para ele, trocam a roupa, dão os medicamentos. Essas ações passam a ser a declaração de amor destas mães a seus filhos.

Aos poucos, ganha espaço o afeto. Surge um apego emocional entre mãe e filhos principalmente quando a identidade e a função de cada um passa a ser clara e compartilhada.



5. As crianças

Um dos objetivos principais da Lua Nova é construir uma continuidade para o projeto de vida das mães e restabelecer uma relação mãe e filho, até então interrompida ou negada, que possa se transformar em uma base segura para a criança, atendendo seus direitos e necessidades.

A intervenção da equipe tenta restabelecer a integridade da jovem, uma vez que a desestruturação parece ser a principal dificuldade. Mas, paralelamente, a observação cotidiana da interação entre mãe e filho permite monitorar o desenvolvimento da criança. Acompanhamos as dificuldades e a rotina da dupla com o objetivo principal de proteção e prevenção.

Assim, com os anos, tivemos que redimensionar nossa rotina pelas exigências das crianças. Alteramos regras, horários e espaços buscando construir um ambiente adequado para a vida das crianças.

EIXOS TEMÁTICOS DE TRABALHO COM AS CRIANÇAS

● Área de Conhecimento

● Objetivos

● Conteúdos Envolvidos

Conhecimento Social

Desenvolver autonomia, identidade, espírito de cooperação e solidariedade no meio social em que está inserido, respeitando as diferenças individuais.

A criança e a família (laços de parentescos, tipos de moradia, espaços das crianças).

A criança e a Lua Nova (reconhecimento dos espaços, profissionais da equipe, atividades, rotinas).

A criança e o contexto social mais amplo (trabalho, campo/cidade, diversidade cultural, ser humano/natureza).

Conhecimento Lingüístico

Expressar-se e comunicar-se por meio das várias linguagens - verbal, escrita, plástica, corporal, musical.

Expressão Verbal e Escrita (ampliação do vocabulário; interação através da linguagem "cantinho da leitura"; dramatização de histórias; produção livre de desenho).

Expressão Plástica (exploração de diferentes materiais, confecção de objetos, maquetes, dobraduras, máscaras e fantoches).

Expressão Musical e Corporal (exploração de sons, ritmos, canções, construção de instrumentos musicais; mímica, dramatização, dança).

Equilíbrio e Coordenação (exploração de posturas corporais, movimentos, lateralidade e localização no espaço em relação a outros objetos).

Conhecimento Lógico-Matemático

Estabelecer aproximações a noções matemáticas presentes no seu cotidiano, como contagem, relações espaciais, etc.

Utilização de contagem oral, de noção de quantidades, de tempo e espaço, por meio de jogos, brincadeiras e músicas.

Manipulação e exploração de objetos e brinquedos em situações de forma a suscitar a descoberta de suas características, propriedades e possibilidades associativas: empilhar, rolar, encaixar, etc.

Sexualidade

Familiarizar-se e interessar-se progressivamente pelo próprio corpo, conhecendo seus limites, sensações, e cuidados necessários.

Cuidados Pessoais

(higiene, uso de talheres, saúde bucal, banho, vestimenta).

Conhecimento Natural

Integrar-se melhor em seu meio físico por meio de estimulação constante, adquirindo experiência que facilite a compreensão do mundo que a cerca e a inter-relação que ocorre entre seus elementos.

Seres vivos (Ser humano, animais, vegetais, astros).

Elementos da Natureza (movimento, força, luz, sombra, sons, água, chuva, nuvens, ar, vento).

Materiais (objetos, móveis) e **Alimentos**.

6. Estrelas Coloridas

Além do cuidado e da proteção essencial, ficou clara a importância de favorecer momentos para que as mães simplesmente brinquem e se divirtam com seus filhos. Nesse sentido, temos o Programa Estrelas Coloridas, que trabalha pela melhoria da qualidade de vida de crianças que residem na Lua Nova e nas comunidades vizinhas.

Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, exercita e confere suas habilidades. Aprende a relacionar-se com o outro, possibilitando um vínculo maior com a mãe. A participação da jovem no jogo, na brincadeira, permite que a mãe e a criança se aproximem, conheçam-se, interajam, relacionem-se com prazer e construam uma relação baseada no respeito mútuo e afeto.

Nesse sentido, são organizadas diferentes oficinas culturais semanais, com duração de duas horas. Há atividades só para as crianças, só para mães e para os dois grupos juntos.

- Oficina de dança e corpo - Contribui para que mãe e filho, juntos, expressem sua criatividade e fortaleçam sua comunicação. Aprendem a dançar diferentes ritmos (de danças de roda ao break).
- Oficina da palavra - Desenvolve a capacidade

ESTÁ DANDO CERTO?

Alguns indicadores que nos ajudam a sentir o impacto do trabalho:

- Tipo de contato estabelecido entre mãe e filho.
- Tempo de permanência da mãe com a criança.
- Estado emocional da mãe e da criança.
- Aspectos do relacionamento enfatizados nas histórias.
- Manifestações de choro e agressão nas crianças.
- Concentração das crianças nas atividades lúdicas.
- Rendimento escolar das crianças.
- Aderência das mães às oficinas.
- Qualidade dos produtos elaborados.



de escuta, entendimento e expressão. São valorizadas narrativas que fazem parte da vivência das residentes, contos folclóricos, mitos e lendas da cultura popular. Juntos, produzem textos e desenhos para compor um “livro” ao final.

- Oficina de teatro - Possibilita a manifestação do imaginário, percepção e análise, assim como estimula o desenvolvimento da sensibilidade e do colocar-se no lugar do outro (indispensável para a construção da relação mãe e filho). A oficina inclui jogos simbólicos e narrações, jogos de fantasia e dramatizações.
- Oficina da Imagem - Amadurece a capacidade perceptiva da dupla - visualizar-se e visualizar o outro. Também estimula a fantasia e a criatividade. Entre outras atividades, são feitos exercícios de observação, confecção e uso de caixas fotográficas e gravações em vídeo.

EU E A COMUNIDADE

Certamente, não conseguimos garantir sozinhos todos os direitos e oportunidades necessárias para o desenvolvimento das mães e suas crianças. É necessário articular-nos com os serviços públicos locais, outras organizações sociais, bem como empresas e instituições, em busca de alternativas de renda, trabalho, saúde, educação, moradia e, especialmente, de apoio e proteção social. Nesse sentido, a matrícula na escola, cada ida ao posto de saúde ou atividade cultural no bairro é entendida

como estratégia de interação com as pessoas e instituições do bairro.

No sentido inverso, também se revela fundamental trabalhar a comunidade para que inclua as jovens e seus filhos no momento de saída da residência. É enorme o preconceito social em relação às adolescentes que são mães e usuárias de drogas e/ ou profissionais do sexo. Há um misto de compaixão, raiva e ódio. Assim, o maior desafio do trabalho da Lua Nova é mostrar quanto é possível existir talentos e potenciais nessas jovens e sua capacidade em desenvolver propostas construtivas para a própria comunidade.

Apesar da dificuldade em transformar o preconceito em admiração, elaboramos junto com as jovens várias ações, que ajudam a desmistificar essas mães e olhá-las com mais atenção. Sentir-se acolhida e pertencente a um grupo é imprescindível para a realização do projeto de vida da jovem. (O Volume 4 desta coleção está inteiramente dedicado ao trabalho realizado com a comunidade).

1. Acompanhamento médico

Já no primeiro mês, o educador levanta as necessidades médicas e odontológicas da residente e de seu filho. E, em conjunto com a assistente social, busca viabilizar os encaminhamentos e atendimentos nos serviços locais. Essa atenção se estende por todo o período de permanência da jovem na Lua Nova. Cada acompanhamento é registrado pelo educador.

2. Vida escolar

Cada nova residente e seu filho são matriculados em uma escola da rede pública da região. A frequência às aulas, as provas e demais atividades são entendidas como oportunidades importantes de interação social

PERGUNTAS PARA LEVANTAR AS DEMANDAS MÉDICAS

Da jovem e da criança:

- Está fazendo algum tratamento médico? Qual? Onde?
- Toma algum medicamento? Qual?
- Tem alergia a algum medicamento?
- Tem alguma doença crônica (bronquite, rinite, diarreia, etc)?
- Precisa de oftalmologista, dentista?
- Já fez exame de HIV? Há quanto tempo?

Da criança:

- Faz alguma dieta especial (leite, alimentos, etc)?
- Quando foi a última vez que foi ao pediatra? Motivo da consulta.
- Está com a carteira de vacinação em dia? Quais vacinas faltam?

Da jovem:

- Já foi ao ginecologista? Há quanto tempo?
- Já fez exame papanicolau? Há quanto tempo?
- (Se estiver grávida) Esta fazendo pré-natal?

e desenvolvimento pessoal. Cabe ao educador, acompanhar o rendimento escolar de cada uma, verificar suas dificuldades e realizar ações para ajudá-la a superá-las.

3. Compras e tarefas

Os cuidados com os filhos e a casa propiciam oportunidades rotineiras de interação e convivência com a vizinhança. Cada ida ao supermercado pode ser entendida como um estímulo à autonomia e inserção da jovem.

“Acreditamos que o desenvolvimento de percepções, sentimentos e talentos que cada jovem carrega em si funcione como fator de proteção de suas vulnerabilidades e promove verdadeira capacidade de liderança e conseqüente transformação social. A jovem é estimulada a manifestar seus sentimentos positivos por meio de atos concretos e, ao mesmo tempo, descobrir através deles, propostas alternativas de colocar-se no mundo.”

(Raquel Barros, coordenadora da Lua Nova)

4. Cultura e lazer

Pelo menos uma vez ao mês, as jovens participam de um passeio ou atividade cultural organizada pelos educadores. Elas vão ao cinema ou teatro ou então, fazem um passeio pelo parque ou clube. Essas ações são alternativas de convivência entre as jovens, elas e seus filhos, bem como com outras pessoas da comunidade.

5. Namoros

Envolvimentos amorosos são considerados positivos e importantes durante a estadia da jovem na Lua Nova. Trabalhamos com eles de maneira transparente, deixando espaço aberto para discussão e reflexão do significado daquela outra pessoa na vida da jovem.

Há horários para namoros e lembramos que o vínculo com o filho é a nossa prioridade e sempre trabalharemos para que o relacionamento amoroso não o prejudique.

Muitas são as questões que levam a uma relação de afeto mais significativa com as companheiras da própria Lua Nova. A equipe acredita ser de extrema importância entender e avaliar com as jovens o significado do relacionamento entre elas. Somente após esse processo, a equipe se posiciona discutindo junto às outras residentes as consequências dessa parceria para o grupo, para o casal e, principalmente, para as crianças.

6. Trabalho comunitário

Junto com as jovens, organizamos ações voluntárias na comunidade dos arredores, assim como em bairros carentes da cidade de Sorocaba. O objetivo é contribuir com uma mudança de cultura e, ao mesmo tempo, fortalecer o desenvolvimento de potencialidades das jovens. De “assistidas” passam a formadoras e multiplicadoras de idéias, serviços, técnicas, utilizando sua experiência passada com uma finalidade positiva e útil para a sociedade como um todo.



- Grupo de Agentes Multiplicadoras – Durante um longo período, desenvolvemos atividades internas em que se discutia o tema das drogas, sexualidade, AIDS, gravidez na adolescência, planejamento familiar, auto-estima etc. Passamos, então, a perceber o quanto essas jovens tinham potencial e capacidade de oferecer a outros jovens o seu conhecimento a fim de prevenir o que aconteceu com elas. A partir desse momento, os convites para palestras em escolas, centros de saúde, que chegavam à Lua Nova, passaram a ser assumidos pelas jovens. Com atividades de teatro, vídeo, música, tornaram-se agentes multiplicadoras preventivas. Além de compartilhar seu conhecimento com outros jovens, começaram a freqüentar locais onde antes não eram bem aceitas. Estavam agora nesses lugares como parceiras e detentoras de saberes e experiências.
- Ações de Voluntariado – Sempre acreditamos que, ao desenvolver ações em benefício de outros, as jovens teriam uma rara oportunidade de aprender a lógica da parceria: é necessária uma troca, tudo o que se recebe deve ser retribuído. Resolvemos, então, aproveitar os aprendizados adquiridos a partir da experiência com o “Buffet-Escola” (projeto profissionalizante que auxiliou as jovens a atuarem gratuitamente em jantares beneficentes), para auxiliar em chás, coffee break de seminários de outras entidades não-governamentais da região. Essa é outra maneira das jovens desenvolverem habilidades e uma oportunidade para elas perceberem que não somente necessitam de ajuda, mas também podem ajudar.

7. Vínculos anteriores

Diante do perfil atendido pela Lua Nova, é muito difícil o resgate da família ou de alguma referência adulta anterior. Na maioria das histórias, são pessoas que estabeleceram um vínculo de exploração, abuso ou de negação da jovem e/ou das crianças. Assim, partimos do pressuposto de que cada jovem que chega com seu filho é uma família que deve trabalhar sua

autonomia e sustentabilidade, inicialmente, contando consigo mesma.

Acreditamos que é muito difícil tentar resgatar como prioridade, no projeto de vida da jovem, um contato familiar positivo. Apostamos, portanto, no fortalecimento da jovem e de seu filho, incentivando-a a buscar por si mesma a autonomia. Após este processo, é então possível que possa retomar o contato com seus vínculos anteriores.

Isso não quer dizer, porém, que desde um primeiro momento ela não encontre seus familiares, amigos ou outras referências passadas. Apenas não conta com elas para poder desenvolver e transformar a sua vida logo de início.

EU E O TRABALHO

A jovem precisa encontrar oportunidade de trilhar um caminho próprio, no mundo do trabalho, descobrir possibilidades de sustentar a si própria e seu filho. O vínculo com o trabalho é ingrediente fundamental na construção do projeto de vida. Além de gerar a renda necessária para a viabilização de planos, como morar sozinha com sua filha, a educação para o trabalho promove a percepção de seus talentos, a satisfação do aprendizado, o fortalecimento da confiança e estima por si mesma.

Nesse sentido, a Lua Nova busca constantemente alternativas para o grupo. Entre outras iniciativas, destaca-se o “Criando Arte” (criação, confecção e comercialização de bonecas e outras peças de pano), a “Empreiteira Escola”, (produção alternativa de tijolos e construção de casas) e a “Panificadora Lua Crescente” (produção de pães e doces).

(O Volume 3 desta coleção está inteiramente dedicado ao tema de Geração de Renda e Trabalho).



INSERIR

A conquista de uma vida nova para si mesma e seu filho está inevitavelmente ligada à inserção da jovem na sociedade, que começa desde o primeiro momento, quando chega à Lua Nova. Morar aqui não significa ficar alheia à “vida lá fora”. Ao contrário: é uma busca constante de novas interações com a família, a comunidade e a sociedade em geral. Intensa e positiva, a experiência na Lua Nova busca abrir novas possibilidades de futuro.

Acreditamos que a inserção social somente se efetiva se precedida de proposta educativa e produtiva. Portanto, todo trabalho de construção de vínculos, incluindo a geração de renda e trabalho, está essencialmente ligado à inserção.

Mas, não adianta a jovem querer se inserir, se a sociedade não quiser incluí-la. O “lado de lá” – família, comunidade, empresariado, governo e sociedade em geral – também precisa se responsabilizar. Muitas vezes, no momento de saída da Lua Nova, as jovens enfrentam a falta de perspectivas. As maiores dificuldades para o sucesso de programas de atenção a adolescentes e jovens, em situação de risco, dizem respeito justamente à inexistência das condições sociais para uma efetiva inclusão das jovens com suas crianças.

(O Volume 4 desta coleção está inteiramente dedicado ao trabalho desenvolvido pela Lua Nova junto à comunidade local).

AMPLIANDO A REDE

1. Envolvimento da comunidade

Sabemos que nenhum programa de inserção surte efeitos sem a parceria de uma rede de apoio. Nesse sentido, revela-se essencial o trabalho na comunidade, uma vez que é ela a mais próxima da residente no processo de inserção, podendo interferir tanto positivamente quanto negativamente. A comunidade tem que ser chamada a conhecer, reconhecer e participar da solução e dificuldades que atingem essas jovens. Quanto maior envolvimento, maior a

CONDIÇÕES ESSENCIAIS PARA INSERÇÃO SOCIAL

Durante todo processo de entrada, permanência e saída da residência, algumas ações se mostram fundamentais para conquistar a inserção social das jovens.

- Valorizar as HABILIDADES: criar espaços para as jovens detectarem suas habilidades e desejos.
- Transformar habilidades em oportunidades: permitir que as jovens possam mostrar seus talentos e estimular para que os transformem em bases de um projeto de vida.
- Desenvolver a autonomia: estimular a capacidade de escolher, realizar ações, desenvolvendo a responsabilidade pelas escolhas (o que ganha, o que abre mão), além de poder lidar com as frustrações.
- Respeitar as escolhas e os desejos da jovem: evitar colocar o nosso desejo como se fosse o desejo da jovem, possibilitando encontros e descobertas reais. Possibilitar que ela estabeleça comparações, hierarquize riscos e, então, tenham liberdade de fazer suas próprias opções.
- Ouvir e ajudar a falar: não adianta institucionalizar espaços, mas construir essa fala e escuta no dia-a-dia.
- Possibilitar a gestão participativa: criar mecanismos para que as jovens participem da gestão das iniciativas dentro e fora do abrigo, para que possam concretizar suas capacidades e experimentá-las.
- Construir um planejamento conjunto: estimular a jovem a ter a visão de processo a médio e longo prazo, e não de produto imediato.
- Desenvolver rede de proteção e apoio: mapear e fomentar potenciais parceiros na comunidade, que também se responsabilizem pelo sucesso da inserção social da jovem e seus filhos.

chance da comunidade em aceitar e acolher as jovens com seus filhos.

2. Rede social

É essencial desenvolver parcerias com o Poder Público representado por seus diversos serviços e programas (saúde, educação, habitação, assistência social, Poder Judiciário etc); a comunidade por meio de associações, cooperativas, grupos organizados; o empresariado; fundações e institutos;

sindicatos e demais organismos vinculados à área social e econômica.

3. Vínculo familiar

(Re) criar o vínculo com a família é uma possibilidade importante para a jovem, mas certamente não é única, nem obrigatória. De qualquer forma, é importante rever e ampliar a percepção de família. Também deve ser fomentada a autonomia familiar. A geração de renda propicia estabilidade, permitindo, inclusive, agregar a ela novos elementos como o desenvolvimento de novas capacidades, o conhecimento de novas pessoas e a estruturação de estilos de vida diferenciados dos vividos até então.

QUAL A HORA DE IR EMBORA?

Indicadores de que a jovem está preparada para experimentar uma nova fase de sua vida, fora da residência.

- Motivação para elaboração e concretização do projeto de vida.
- Envolvimento e dedicação no cumprimento de metas.
- Compreensão dos objetivos e significados do projeto pessoal.
- Conquista de relações interpessoais de qualidade dentro/fora da instituição: equipe/residente, mãe/filho, residente/residente, residente/funcionários, residente/parceiros/, residente/visitante externo etc.
- Regularidade do cumprimento das normas.
- Participação nas atividades propostas.
- Disponibilidade para participar das atividades pré-estabelecidas.
- Capacidade de organização das tarefas internas e externas.
- Capacidade de valorizar o espaço, os recursos oferecidos e o progresso individual.
- Higiene e cuidados pessoais e do filho.
- Organização e higiene do espaço ocupado (quarto, armário) individual e coletivo.

MOVIMENTO DE INSERÇÃO

O processo de inserção social que, no dia-a-dia, não é homogêneo, nem linear, pode ser organizado em diferentes fases.

1. Residência Lua Nova

Iniciada no momento de acolhimento da jovem, a construção do projeto de vida (pág. 32) já tem em vista sua inserção social. Da mesma forma, o programa de geração de renda e trabalho busca criar condições concretas para esse processo ocorrer.

2. Lua Crescente - residência assistida

Etapa seguinte do programa de inserção social das jovens, fomentando o planejamento da futura “vida em família” e encorajando os primeiros passos para a independência sócio-econômica das residentes. Neste estágio, as jovens deixam a Comunidade Lua Nova e se mudam para suas casas, em geral, alugadas. Então, tornam-se responsáveis pela sua manutenção. São apoiadas pela equipe técnica da organização, enquanto trabalham em projetos de geração de renda. Com frequência, recebem visitas dos técnicos e educadores, sempre atentos à relação da jovem com seu filho e a comunidade.

3. Desligamento da instituição

Após avaliação de todo o processo terapêutico (como chegou e como está saindo, aspectos a serem aprimorados...) e conquistadas condições concretas de vida autônoma, a jovem e a equipe concluem conjuntamente que é hora de encerrar a parceria. O vínculo com a equipe, entretanto, nunca acaba. A Lua Nova mantém suas portas abertas para conversar, apoiar e até mesmo uma nova acolhida, sempre que necessário.

4. Acompanhamento da situação social e psicológica

Após seis meses da saída, a menina continua sendo acompanhada com seu filho por meio de

contatos telefônicos ou visitas. Mesmo finalizado esse período, o vínculo entre a jovem e a Lua Nova permanece. Sempre que necessitar, encontra espaço de diálogo e apoio na equipe.

5. Avaliação

A cada dois anos, a Lua Nova realiza uma pesquisa para avaliar como estão as jovens que já passaram pelo processo. A equipe, junto à jovem, busca saber como estão os novos vínculos construídos por ela, bem como sua situação de saúde, renda, trabalho e moradia. Para nós, o sucesso significa a vinculação da jovem e seu filho com o mundo, que estão vivenciando alternativas para seguirem juntos, buscando ser felizes, como todas as pessoas.



Uma nova história

Entreí na Lua Nova em 2001. Estava grávida de seis meses do meu filho pequeno, o Henrique. A minha situação-problema era a falta de moradia. Eu morava sozinha com meu filho Vitor em um cômodo que minha avó cedeu para eu morar. Quando o pai do Vitor saiu da prisão, foi morar comigo e com Vitor. Eu estava grávida e minha avó não aceitou a união e nos expulsou do cômodo.

Como eu não tinha para onde ir, voltei para casa de minha mãe e levei Vitor comigo. O pai de Vitor também voltou para casa da mãe dele. Após alguns meses, eu e meu padrasto nos desentendemos e eu acabei indo embora para uma pensão, onde fiquei somente um dia, pois o dono da pensão não quis que eu ficasse lá com meu filho. Foi, então, que procurei ajuda no Projeto Quixote e eles me encaminharam para a Lua Nova.

Durante a minha permanência na Lua Nova, mudou muita coisa em minha vida, aprendi uma profissão, a cuidar dos filhos, conviver com outras pessoas e outras situações. Na vida dos meus filhos, também percebo muitas mudanças, pois se tivesse continuado na mesma condição de vida em que estava, eu tenho certeza de que teria abandonado os meus filhos.

No início, eu tinha muita dificuldade em fazer psicoterapia, não confiava nas pessoas, tinha muita dificuldade em me comunicar com as pessoas e com os meus filhos. Ao longo do processo, fui superando essas dificuldades e hoje consigo conversar com as pessoas e, principalmente, explicar para os filhos as dificuldades que eles têm.

Logo que cheguei aqui, fiz alguns cursos, aprendi a fazer velas, bijuterias etc., enquanto estava esperando meu bebê, eu bordava guardanapos. Após o nascimento do meu segundo filho, eu comecei a trabalhar na confecção "Criando Arte", na qual aprendi a costurar. Então, fui percebendo que era capaz de fazer alguma coisa boa.

Fiquei morando na Lua Nova pouco mais de um ano e, durante esse período, também participei de atividades educativas, terapêuticas e desenvolvi atividades para as crianças.

Nesse tempo em que morei na Lua Nova, pude exercer a maternidade, pois antes eu não tinha consciência de que era mãe e que deveria ter responsabilidades para com meus filhos. Aprendi a confiar mais nas pessoas, a "contar" mais com elas, percebi que eu era importante, que eu tinha valor, que eu podia e posso realizar várias coisas. Posso e devo ter objetivos e sei que tenho condições de realizá-los. Acredito que muito disto foi possível devido à terapia, que me auxiliou a acreditar mais em mim mesma.

O primeiro passo para a minha independência foi minha mudança da Lua Nova para a Lua Crescente. Lá, eu tinha que trabalhar, cuidar da casa, dos meus filhos, não tinha educador, foi preciso que eu assumisse a responsabilidade de acordar sozinha, cozinhar, fazer as minhas tarefas, sem que houvesse alguém para me coordenar.

Fiquei morando na Lua Crescente aproximadamente cinco meses e, só depois, voltei para Lua Nova. Nesse período de retorno, trabalhei como vigilante e auxiliar do educador. Nessa atividade, eu tinha algumas dificuldades, pois tinha que lidar com as meninas e enfrentar a própria dificuldade de me relacionar com as pessoas, mas foi bom no sentido de assegurar que eu era capaz de relacionar-me.

Depois disso, passei a trabalhar com as crianças, filhas das residentes. Esse trabalho era muito prazeroso e vinha ao encontro do meu objetivo de me profissionalizar como educadora.

Fui, então, morar com uma amiga, dividindo as despesas, até que conseguisse me manter sozinha. Foi, nesse momento, que passei a ser uma das costureiras contratadas do "Criando Arte", projeto que confecciona produtos artesanais. Atualmente, sou supervisora do projeto, responsável pela produção das mercadorias e pela equipe composta por 12 meninas.

Hoje, estou feliz por estar morando sozinha e de estar próxima de pessoas da Lua Nova que me ajudaram. Agora, luto pela realização de meu sonho: ter uma casa própria.

(Ex-residente da Lua Nova)

- AFONSO, L. **Oficinas em dinâmica de grupo:** um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.
- AINSWORTH, M. D. S. et al. **Patterns of attachment:** a psychological study of strange situation. Erlbaum, Hillsdale: New Jersey, 1978.
- AINSWORTH, M. D. S.; EICHBERG, C. Effetti sull'attaccamento bambino-madre del lutto irrisolto della madre per una figura di attaccamento o di un'altra esperienza traumatica. In: PARKERS, C. M.; STEVENSON-HIND, J.,; MARRIS (Ed.). **Attachment across the life circle.** London: Routledge, 1991.
- AMMANITI, M. (a cura di). **La gravidanza tra fantasia e realtà.** Roma: Il Pensiero Scientifico, 1992.
- ATTILI, G.; VERMIGLI, P.; FELACO, R. **Modelli mentali dell'attaccamento negli adulti e qualità della relazione madre-bambino.** Età Evolutiva, 1994.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Crianças vitimizadas:** a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989.
- AZEVEDO, M. A. (Org.) **Apostilas do Telecurso de Especialização:** infância e violência doméstica. São Paulo: Lacri/USP, 1997.
- AZEVEDO, M. A. **Infância e violência doméstica:** perguntelho: o que os profissionais querem saber. São Paulo: IPUSP/Lacri, 1994.
- AZEVEDO, M. A. **Infância e violência doméstica:** fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1993.
- AZEVEDO, M. A. **Violência doméstica na infância e na adolescência.** São Paulo: Robe Editorial, 1995.
- BANCO MUNDIAL. **Vozes dos Pobres.** 1997.
- BAPTISTA, M. V. (Coord.) **Abrigo, comunidade de acolhida e socioeducação.** São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006. il. (Coletânea Abrigar, 1)
- BERGERET, T. **Toxicomanias.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BIBRING, G. et al. A study of the psychological process in pregnancy and the earliest mother-child relationship. **The Psychoanalytic Study of the Child,** New York, v. 16, n. 9, 1961.
- BOWLBY, J. **Attachment.** London: Hogarth Press; 1969. (Attachment and loss, v. 1)
- BRETHERTON, I. Modelli Operativi Interni e trasmissione intergerazionale dei modelli di attaccamento. In: AMMANITI, M.; STERN, D. N. (a cura di). **Attaccamento e psicoanalisi.** Roma-Bari: Laterza, 1992.
- CANCRINI, L. (a cura di). **Esperienze di una ricerca sulle tossicomanie giovanili in Itália.** Milano: Mondadori, 1973.
- CANCRINI, L. Il punto di vista psicologico-familiare. In: ANDREOLI, V.; CANCRINI, L.; FRATTA W.; GESSA, G.L. (a cura di). **Tossicodipendenze.** Milano: Masson, 1994
- CECIF. Dialogando com abrigos. In: ENCONTRO ESTADUAL DE ABRIGOS DE SÃO PAULO, 1. São Paulo: CECIF, 2004.
- CICHETTI, D.; CARLSON, J. (a cura di). **Child maltreatment:** theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- CIRCO DE TODO MUNDO (ONG). **Em busca da infância perdida:** a experiência do projeto de erradicação do trabalho infantil e proteção do adolescente no trabalho doméstico em Belo Horizonte. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2004.
- CIRILLO, S. et al. **La famiglia del tossicodipendente.** Milano: Cortina Editore, 1996.

- CNRVV. Revista do Núcleo de Referências às Vítimas da Violência. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1997.
- CRITTENDEN, P. M. Distorted patterns of relationship in maltreating families: the role of Internal Representation Models. **Journal of Reproductive and Infant Psychology**. v.6. 1988.
- CRITTENDEN, P. M. **Nuove prospettive nell'attaccamento**. Firenze: Guerini Editore, 1994
- CRITTENDEN, P. M. **L'attaccamento e l'Adult Attachment Interview**. In: CICLI DI SEMINARI, Università degli Studi di Padova, 1994-96.
- DESLANDES, S. F. **Prevenir a violência: um desafio para profissionais de saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/Jorge Carelli, 1994.
- DRAYTON, B. **Todo el mundo puede cambiar el mundo**. In: ENCUESTRO LATINOAMERICANO DE EMPRENDEDORES SOCIALES, Buenos Aires: ASHOKA Empreendedores Sociales, 8-10, ago. 2006.
- DUARTE, J. C.; ARBOLEDA, M. R. C. **Malos tratos y abuso sexual infantil**. Madri: Siglo Veintiuno de Espana, 1997
- FAVA VIZZIELLO, G. M.; CAPRA, N.; SIMONELLI, A. **Transgenerational Attachment Transmission: grandparents, drug-addict parent and child**. In: WORLD CONGRESS WAIMH, 6, Finlândia: Tampere, 25-28, Luglio 1996.
- AVA VIZZIELLO, G. M.; LEO, M.G.; SIMONELLI, A. Il destino delle madri, la tossicodipendenza dei figli. In: FAVA VIZZIELLO, G. M.; STOCCO, P. (a cura di) **Tra genitori e figli la tossicodipendenza**. Milano: Masson, 1997.
- FERRARI, D. C. A. ; VECINA, T. C. C. (Org.). **O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática**. São Paulo: Agora, 2002.
- FRITZEN, S. J. **Dinâmica de recreação**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FUNDAÇÃO ABRINQ (Org.). **10 medidas básicas para a infância brasileira**. São Paulo: CBMM/Fundação Abrinq/ UNICEF, 1994.
- FURNISS, T. **O abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GABEL, M. (Org.). **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus, 1997.
- GOMES, R. et al. Prevenção à violência contra a criança e o adolescente sob a ótica da saúde: um estudo bibliográfico. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1., 1999. É possível prevenir a violência?
- GREENBERG, M.; CICHETTI, D.; CUMMINGS, E. (a cura di). **Attachment in the preschool years: theory, research and intervention**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- LEAL, M. F. T. ; CÉSAR, M.A. (Org.). **Indicadores de violência intrafamiliar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes**. Brasília: CECRIA/ Ministério da Justiça/ CESE, 1998.
- LIOTTI, G. **La dimensione interpersonale della coscienza**. Roma: NIS, 1994.
- MAIN, M.; GEORGE, C.; KAPLAN, N. **The Berkeley adult attachment interview**. Berkeley: University of California, 1985. Não publicado.
- MAIN, M.; HESSE, E. Parent's unresolved traumatic experiences are related to infant disorganised attachment status: is frightened and/or frightening parental behaviour the linking mechanism? In:
- OLIEVENSTEIN, C. **Destin du toxicomane**, Paris: Librairie Arthème Fayard, 1993. Tradução de: Il destino del tossicomane, Roma: Edizioni Borla.
- PARKES, C. M., STEVENSON-HINDE, J., MARRIS, P. (a cura di), **Attachment across the life cycle**, Tavistock-Routledge, London, 1991. Tradução de. L'attaccamento nel ciclo della vita, Il Pensiero Scientifico, Roma, 1995

- PAZZAGLI, A.; BENVENUTI, P.; ROSSI MONTI, M. **Maternità come crisi**. Roma: Il Pensiero Scientifico Editore, 1981.
- SAMEROFF, A. J.; EMDE, R. N. (a cura di). **Relationships disturbances in early childhood**: a developmental approach. New York: Basic Books, 1991. Tradução de: I disturbi delle relazioni nella prima infanzia. Torino: Bollati Boringhieri.
- SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Vicente. **Jornada da Infância e Adolescência de São Vicente**. São Vicente: Câmara Brasileira do Livro, 2004.
- SOARES, M. L. P. V. **Vencendo a desnutrição**: abordagem social. 1. ed. São Paulo: Saulus Paulista, 2002.
- SOUZA E SILVA, M. A. ; VECINA, T. C. C. **Mapeando a violência doméstica**. [S.l.], NRVV, 1998.
- STERN, D. N. **The interpersonal world of the infant**. New York: Basic Books. Tradução de. Il mondo interpersonale del bambino. Torino: Bollati Boringhieri, 1987.
- STERN, D. N. **The motherhood constellation**: a unified view of parent-infant psychotherapy. New York: Basic Books. Tradução de. La costellazione materna. Torino: Bollati Boringhieri, 1995.
- STEVENSON, O. **La atención al niño maltratado**: política pública y práctica profesional. Barcelona: Paidós Ibérica, 1992
- STOCCO, P. L'uso de la droga en la enfermedad de l'ideal. Addiciones. **Revista de Socidroalcohol**, v. 2, n. 4, 1991.
- STOCCO, P.; SIMONELLI, A.; CRISTOFALO, P.; CAPRA, N. I genitori tossicodipendenti e i loro figli. **Bollettino per le farmacodipendenze e alcolismo XIX**, n. 3, 1996.
- WINNICOTT, D. W. **Through paediatrics to psycho-analysis**. London: Tavistock Publications; Tradução de. Dalla pediatria alla psicoanalisi. Firenze: Martinelli & C., 1975.
- ZIMMERMANN, P.; GROSSMANN, K. E. Attaccamento, emozioni e comportamento aggressivo. **Età Evolutiva**, n. 47, feb. 1994.

VIVAVOZ

LIGUE PRA GENTE. A GENTE LIGA PRA VOCÊ.

0800 510 0015

Orientações e informações sobre a prevenção do uso indevido de drogas

Lua Nova



Dando forças para quem tem vontade

www.luanova.org.br

luanova@luanova.org.br

55 15 32327567 | 32345976



Lua Nova
Dando forças para quem tem vontade



**Secretaria Nacional
de Políticas sobre Drogas**

**Secretaria Especial
dos Direitos Humanos**

